

# Maria Moisés

## PRIMEIRA PARTE<sup>1</sup>

A Thomaz Ribeiro

São passados dez annos depois que <estiveste>[↑vieste] aqui. Foi hontem; e a pedra onde gravei o teu nome está denegrida como a dos tumulos antigos. Debaixo d'ella estão dez annos da nossa vida. <Estamos nós> Jazem alli, os homens que então éramos. Estou vendo Castilho encostado ao frizo da columna tósca; estou ouvindo os teus versos recitados em nome de meus filhos... Ah! é verdade... tu não os recitaste por que tinhas lagrimas na voz e no rosto. Que faria de ti a politica, meu querido, meu poeta da patria e da alma?

S. Miguel de Seide, novembro de 1876.

[1]<sup>2</sup> O pequeno pegureiro contou as cabras á porta do curral; e, dando pela falta de uma, começou [1 desatou] a chorar [↑com a maior bôca e bulha ã podia fazer.] Era noute fechada. Tinha mêdo de voltar á[o] <serra>[↑monte], por que se dizia [1 affirmava] que a alma do defuncto capitão-mor andava penando na <bouça>[↑Agra] da Cruz, onde apparecera o cadaver de um <minorista>[↑ estudante de Coimbra], m<sup>os</sup> annos antes. O povo attribuirá aquella morte ao capitão-mor de Sancto Aleixo de alem-Tamega, por vingança de ciumes, e propalara [1 propalava] que a alma do homicida, <rojando um hábito branco>[↑ de fraldas brancas e <†>[↑ rossagantes]], <assomava> infestava aquell<es>/as\ <sítios>[↑serras]. O moleiro d<e>/as\ Poldras contrariava a opinião publica, asseverando que a aventesma não era alma, nem a tinha, por ã era a egua branca do <reitor>[↑ vigario]. A maioria, porém, poz em evidencia o factio pycologico, divulgando que o moleiro era homem de máos costumes, tinha sido soldado [↑na guerra do [1 do] *Russilhão*], e não se desobrigava [↑annualm<sup>te</sup>] no rol da igreja, nem constava que tivesse matado algum francez.

Era por <181<0>/5>[↑181<2>/3], meado de Agosto [1 agosto], <na ponta> quando o pastor chorava encolhido a um canto do curral, e pedia <a>[↑ ao padre] Sto [1 Santo] Antonio com m<sup>tas</sup> lagrimas que lhe deparasse a cabra perdida.

João da Lage, o amo, assomou á porta da córte, e bradou:

– Perdeste alguma <cabra>[↑ rêz]?

O rapaz tartamudeou, tiritando de medo.

– Perdeste, ladrão? Vai [1 vai] em cata d'ella; e, olha lá, [1 :] se a não trou<c>/ss\eres, não me appareças mais, que <te tiro>[↑ t'arranco] [1 te arranco] os fígados pela bocca. [<1 -> §] E deu-lhe dois valentes pontapés por [1 à] conta.]

Este João da<s> Lage<s> <desobrigava-se, [↑na quaresma,] era mordomo de S<sup>to</sup> Aleixo, tinha matado dois francezes>[↑ era homem de bons principios, [1 de principios

<sup>1</sup> Ao alto do fôlio, a lápiz e por mão alógrafa: Maria Moisés 1.<sup>a</sup> parte

<sup>2</sup> Ao alto do fôlio: Primeira parte.

menos maus,] assentados em religião e patria, [1 ;] havia matado dois francezes] doentes nas ambulancias retardadas, <e> [↑ e] accreditava que o fantasma era a alma do capitão-mor e não a egua branca do vigario<sup>3</sup>.

O rapazinho desatou [1 deitou] a correr, e <foi pedir ao <pa[2]drinho>[↑alferes da Igreja] que mandasse alguem com elle ao monte, por que tinha medo> la foi <para a>[↓ caminho da] serra.<sup>4</sup> <A extracção do figado pela boca, segundo o programa, aterrorisava-o <tanto como>[↑ mais q] a alma penada. [↑ Ainda assim,]>[↑ <Entre> Tendo de optar entre <a>[↑os maleficios da] alma penada e <prospecto> as [1 a] biqueir<as>/a\ dos [1 do] tamanc<os>/o\ do amo, preferia encontrar o defuncto cap<sup>am</sup> mor. Ainda assim,] <†></ia>[↓ ia] resando alto quanto sabia da Cartilha: os *Peccados mortaes*, as *Obras de misericordia*, os *Sacramentos da Sancta Madre Igreja*, tudo. Á sahida da <povo> aldeia, <<sup>1</sup>>recuou <<sup>3</sup>e <quiz>[↑ <sup>4</sup>ia] <sup>5</sup>fugir,> <<sup>2</sup>>estarecido. Vira um <vulto>[↑fantasma] branco [1 a destacar das trevas, e] <sentado>[↑agachado] na raiz de um castanheiro.

– Ó Zé da Monica, es tu? – perguntou o [↑suspeito] fantasma.

– Sou eu, tia Brites – respondeu o rapaz, [↑respirando] [1 suspirando] offegante

– [↑Credo!] <Q>/q\ue mêdo você me fez! <\*ac>

– Tu onde vás a esta hora?!]

– Vou á cata de uma cabra. Voce viu-a?

– Eu não. Olha lá, a tua ama <Josefa>[↑Zefa] tambem anda á procura da cabra?

– Ágora! A senhora Zefinha está doente ha mais de <um> mez [↑ e meio] na cama.

– Isso sei eu; mas <eu> havia de jurar que a vi <pas> saltar agora o portêlo da cortinha do rio! Se não era a Zefa, era o diabo [1 demo] por ella!

O rapaz tornou a tolher-se de medo, e perguntou a meia voz:

– Seria a alma?

– <Não era> Do snr capitão-mor? Não me pareceu; <a alma dizem q̃ anda assim a modo> [1 que] ella ia de saia escura, e levava <uma> um <pano a modo> saiôto pela cabeça.

N'este comenos, descia o moleiro [↑do lado da serra] pelo quinchoso [↑escuro,] [1 pela barroca escura] com dous [1 dois] jumentos carregados de folles, e vinha cantando:

*Ja fui canario do rei,  
Ja lhe fugi da gaiola,  
Agora sou pintasilgo  
Destas meninas d'agora.*

– Pr'a pintasilgo estás muito <desasado>[↑fanhoso], ó <Manel>[↑Luiz]! [3] – disse galhofando a Brites d<a>/o\ <Capella>[↑Eirô].

– Ó lá, <\*Br>/O\ sua bruxa, que [1 feitiços] está você a faser ahi? – respondeu o <soldado da legião portuguesa>[↑veterano do 2º regimtº do Porto] – Não me metta mêdo aos burros que elles ja estão <parados>[↑estacados] a olhar p'ra você. Deixe passar os parentes.

<sup>3</sup> Chamada para adição suprimida.

<sup>4</sup> A transcrição genética deste passo, respeitando a localização das palavras nos fólhos respectivos, o que dificulta a leitura, é a seguinte: e <foi pedir ao pa [↑alferes da Igreja que]> la foi <para>[↓ caminho da] [2] <drinho que mandasse alguem com elle ao monte, por que tinha medo> <a> serra.

– Eu não sou da tua família, ouviste, jacobino? [1 –] replicou a velha, [↑e] fazendo-lhe duas figas, acrescentou: [1 ;] – toma, que te dou eu, herege!

– O tio Luiz! – perguntou o pegureiro – Vm<sup>ce</sup> [1 vossemessê] viu ahi <pela boca>[↑na Agra] da <c>/C\ruz uma cabra?

– Não a vi, rapaz, mas ouvi-a berrar la para o rio. Mette ahi pela cangosta do <tio> Estevão, e <vai>[↑vai] pela beira do rio abaixo que a topas<1 ,> <na>[↑la p<sup>a</sup> a] <v>/V\arzea d<o>/as\ <<p>/P\ontilhão>[↑ poldras]<.>/\ [ou na Insua.]

<– Deus lhe dê saude – disse o rapaz> <– Se o rapaz la fôr agora>

[↑– Está mesmo indo... – intreveio a tia Brites –] Boa hora é esta para um rapasinho <ir> se metter á c<o>/a\ngosta do Estevão!

– Então que tem<?> [</q\ue elle>?]

– Que tem?! Vai perguntal-o á Zefa do João da Lage que ficou la tolhida uma noite[1 ,] <†> e nunca mais teve saude.

– Sim, sim, tia Brites, [1 ;] você la sabe d’esses tolhiços. [1 ,] [↑e eu tambem sei como as raparigas se tolhem nas c<o>/a\ngostas.] Tens medo, rapaz?

– Tenho, sim, snr [1 senhor].

– Espera<-me aqui.>[↑ ahi que eu venho ja.]

E, tangendo os burros que espontavam o tojo d/os\ valados, foi descarregal-os, encheu[↑-lhes] a mangedoura de herva, <bebeu><[↑g<ar>/ol\guelejou]>[←gargalaçou] da borracha um[a] <grande trago>[↑vez de vinho], e <†> voltou onde o esperava o pastor[1 ,] a q<sup>m</sup> [1 a tia] Brites contava casos [↑varios] de almas penadas.

– Vamos la, pequeno – disse o moleiro – Conheço bem o teu amo, e sei que elle á conta da cabra[↑, se tiver meio quartilho de aguard<sup>te</sup> no bucho,] é <homem para te esfolar>[↑capaz de te <\*moer>[↑ quebrar] os <ossos>[↑ braços]]; por isso é que eu t’a vou [↑ajudar a] procurar. <A>[↑De] que tens tu medo, rapaz? É da alma do capitão-mor? <Não digas> Não sejas tolo. [↑As] <A>/a\l[4]mas [↑boas] dos que morrem são de Deus, [↑<e> não <impecem>[↑fazem mal] a ning<sup>m</sup>]; e as más<, as>[↑ são] do diabo, que as não larga das unhas.

– <Credo!>[↑<a>/A\rrenego][te eu!] este homem está vestido e calçado no inferno! <Deixa-me <fazer>[↑diser] o credo em cruz.> – murmurou a tia Brites, [↑erguendo-se indignada,] benzendo-se de hombro a hombro, e do alto da cabeça ao umbigo.

– Que está vossê a rosar, mulher! <– soltou o> Que este rapazelho seja parvo[1 ,] tem desculpa; mas você, com mais de setenta annos <n’esses><[↑ nos] ossos>[↑ na carcassa], ja tinha tempo de ter juiso n’esses cascos. Você ja viu almas<?>/\ [ó creatura?]

– A mim não me impecem, graças a Deus! – respondeu Brites com desvanecimento – Ellas bem sabem <\*onde> com quem se mettem.

– Não se mettem <comsigo>[↑no seu corpo]? Podéra... [↑– redargui o veterano sempre risonho –] Eu, se fosse alma penada, <encontrando-me>[↑topando] com vossê, <fugia-lhe, palavra de honra>[↑desatava a fugir.] A alma que se mettesse em vossê, [1 n’esse corpo,] devia sahir suja como a ratazana d’um cano.

– Vai-te, vai-te, <diabo>[↑jacobin/o\]; cruces, <canhot> deabo, cruces! – <exclamou> exorcismou a tia Brites com dois dedos em cruz, e metteu-se em caza ás arrecúas.

– É o que eu te digo, rapaz. Deixa la <fallar>[↑asnear] o povo. Olha se te guardas de alguma sacholada de teu amo, que das almas do outro mundo te livro eu.

O moleiro ia conversando com o pastor<, ></:\>/, \ <1 ,> <incutia-lhe> <§– Como está> <← A tua ama Josefa ainda está doente? § – A sra Zefa> <\*com> pelo [1 pela] pedregosa c<o>/a\ngosta do Estevão. A pesar da[s] <animação do es> palavras animadoras do <veterano>[↑<espírito-for> veterano], o rapaz[1 ,] ao passar nos lanços mais escuros d<a>/o\ <barroca>[↑pedregal][1 ,] ia <resando>[↑orando] mentalm<sup>te</sup> [↑fragmt<sup>os</sup> da Cartilha]. Os vaga-lumes phosphoreavam entre os silvedos, e ás vezes um melro assustado batia as azas na ramagem d<os>/as\ <tapumes>[↑sebes]. O pastor [↑então] maquinalm<sup>te</sup> agarrava-se <no> ao braço do moleiro, que <o admoestava> lhe mettia [5] a riso a covardia.

Ao fundo da <cangosta>[↑viella], [↑que desembocava no rio][1 ,] <aclarou-se a passagem><sup>5</sup> havia dous [1 dois] portêlos, um á direita para um[a] <milharal>[↑varzea de milho] espigado com grande folhagem; [1 ,] outro á esquerda para um <codeçal><[↑hervaçal]>[ panascal] que entestava com a corrente do Tamega. <Qd. ahi chegaram, ouviu-se um estrondo subito e compacto na agua. O pastor deu um grito.> Sahia então do rio para a cangosta um grande vulto <br>/a\lvacento chofrando na agua com pernadas longas e <cadentes>[↑mezuradas]. O rapaz expediu um <grito>[↑ai rouco], e, agarr<ou->/ando-\se aos suspensorios de couro do moleiro, gritou:

– Ó tio Luiz, ó tio Luiz!...

– Que é?

– Vm<sup>cc</sup> [1 Vossemessê] não vê?

– Vejo, pedaço d’asno, vejo: é a alma do capitão-mor que anda a pescar bogas com chumbeira... Não vêes que é um homem em fralda<1, rapaz>? Abre esses olhos, bruto!

Era <[↑ †]> o cazeiro d<a>/os\ fidalg<a>/os\ [1 da quinta] de <Manseos>[↑Sta Eulalia], que vinha batendo com a chumbeira as angras do rio por onde o escallo costumava acardumar-se.

– És tu, ó Francisco Bragadas? – perguntou o moleiro.

– Sou.

– Ouviste [↑por hi] berrar uma cabra?

– Ha pedaço, berrava ali no bravio do Pimenta; mas ja depois a ouvi <ahi par>[↑ la p’r]a baixo n<o>/a\ /I\nsua.

– O peixe cai? Dá ca duas bogas p<sup>a</sup> eu cear.

– É má noite. [↑O peixe metheu-se aos poços.] Anda coisa ma por aqui... Vou-me chegando a caza.

– [↑Coiza má?] Topaste algum avejão no rio? Olha que a alma do capitão-mor anda na serra; mas talvez viesse tomar banho<->, ã a noite está quente.

– Homem – volveu o pescador <atemorisado>[↑escrupuloso] – <nada>[↑deixemo’-nos] de <brincadeiras>[↑ <chalaças>[↓graçollas]]. Ahi bem perto donde [6] tu estás, [↑ <por dentro>[↑ para la] desses salgueiros,] ouvi eu, quando passei p’ra riba, uma coisa [1 cousa] que parecia uma creatura a chorar<, dava uns gemidos...>[↑ e a gemer.]

– Isso era coruja ou sapo – /ex\plicou o moleiro com a intemerata certeza das sciencias naturaes[1 ,] – Se tens medo, vou contigo; mas <dá ca>[↑ hasde repartir] [d]o peixe que levas... La está a cabra a berrar, ouves, rapaz?

---

<sup>5</sup> Mudança de tinta castanha para tinta preta (tons visíveis hoje).

– Ja passou para alem do rio<1 ;> – disse o da chumbeira – havia de ser pela [1 pelo] <Insua>[↑açude]. Tendes que fazer. Adeus, Luiz.

– <O>[↑Má] raio[s] <da>[↑partam a] cabra! <faz-<me>[↑ nos]><[↑ ã nos faz] ir alem do rio!> – praguejou o moleiro[1 .] – <t>/T\emos de ir passar ás poldras[.] <da Ribeira.> Olha ã espiga! Eu antes queria paga<l>/r\<-a ao>[↑a rez a] teu amo que ir agora <andar um quarto de legua!>[↑ alem do rio!]

<Na> <- Venha vm<sup>ce</sup> comigo até á Insua que eu passo a nado para la> N'este momento, ouviram gemidos, <tao> que pareciam pouco distantes, á beira do rio.

O pastor[1 ,] <murmurou> com as mãos fechadas sobre a bocca, e pondo-se de cócoras<:/,\ [disse:]

– Ai Jesus!

– Aquillo é coisa! – observou o veterano com pachorrença reflexão[1 .] – Bem disia o outro. Não é coruja nem sapo... Ágora é[!] <coruja!>

– Então que é, tio Luiz? – perguntou o rapaz <\*ao reves> com a rouquidão aphónica do pavor.

– É uma mulher a <gemer>[↑chorar], tu não ouves? Vamos ver <o que é <isto>,>[↑q<sup>m</sup> geme<1 ,>] antes de m<sup>s</sup> nada.

Transpoz o moleiro [↑de um <salto>[↑ pulo]] <o portêlo>[↑ o <socalco>[↑ valado,]] tossindo <de um feitio>[↑de maneira] que significava coragem neste <\*agudo> bravo do Roussilhão, [1 ;] mas que <n'>[↑em] outros bravos que tosem <[↑artificialmt<sup>e</sup>] não tem sempre o m<sup>mo</sup> significado. O pequeno seguia-o tão de perto que o trilhava nos calcanhares.

Seguiu <a margem rente> bem rente a ourela do Tamega; de vez em quando ou[7]via os <gemidos>[↑gemidos]; [1 .] mas parecia[m] [↑-lhe] <affastar> mais <raros qto.>[↑longe ao passo ã] mais se avisinhava, por que <a força>[↑a voz] ia <morendo><[↑falecendo]>[↑ esmorecendo] <no peito que os arrancava.>[↑ em soluços abafados.] Ao cabo do hervaçal<1 ,> <cerrava-se>[↑ <fecha> adensava-se] uma moita de alamos e salgueiros, e la no interior o rio <formava>[↑espraiava-se, formando] <1 um<a>> <la> <tanque>[↑ lençol] de agua<s> [↑murmurosa][1 ,] onde os pescadores colhiam com a chumbeira as bogas no tempo da desóva. <Quando ahi chegaram,>[↑ Ao chegarem ali,] ouviram estas palavras:

– Quem me accode, que eu morro sem confissão!

– Ella é a snr<sup>a</sup> [1 senhora] Zefinha! [↑é a m<sup>a</sup> ama! Valha-me Deus!] – <a>/e\clamou o pastor, e com incrível animo rompeu [↑a direito] por entre a ramaria do salgueiral, e saltou[1 ,] [↑sem arregaçar-se][1 ,] ao rio, que lhe dava pelo joelho. O moleiro seguiu-o<:/,\ <disendo:

– A tua ama!>

<1 §> Com meio corpo na agua e os braços enroscados no <tronco recurvo>[↑esgalho] de uma arvore[1 ,] [entre]viram[1 ,] mal distincta [1 distincto] na escuridão <das som> cerrada pela ramagem, aquelle vulto de mulher, que repetia as palavras <aspir>:

– Quem me accode, que eu morro sem confissão!

– Ó senhora Zefinha! – disse o rapaz – é vm<sup>ce</sup> [1 vossemecê]? [1 -] e deitou-lhe os braços ao peito erguendo-a para si[1 .] – Ó tio Luiz, ajude-me que eu não posso. [1 !]

– Eu ca estou – disse o moleiro, <tomando no coll> levantando-a a custo, por que ella tinha [↑as mãos recurvas e] os braços <tão> rijam<sup>te</sup> <inteiriçados>[↑hirtos] no tronco d<a>/o\ salgueiro <que> como se <nas>[↑em] ancias d<a>/e\ asfixia <os>[↑se] houvesse <la> agarrado n'elle.

– Isto ã foi, Josefa? – perguntou Luiz, tomando-a nos braços, e galgando a custo o vallado que se esbarrondava <calcado pelos>[↑cedendo aos] pes vacillantes do moleiro [1 de Luiz], molhados pela agua ã escorria dos vestidos.

A filha de João da Lage<, respondendo a> estorcendo-se nos braços do moleiro, disia com palavras soluçantes:

[8] – Não me leve para caza, pelas almas bemditas. Deixe-me deitar na terra, e vá chamar o snr vigario para me absolver, ã eu estou a expedir.

– Tem paciencia, môça; aqui não te deixou, ã estás toda ensopada em agua, e tens a cara a arder... Tu cahiste ao rio, Josefa? que vieste aqui fazer tão de noute [1 noite]?

– Jesus valei-me, [1 !] [↑Jesus acudi-me, [1 !]] Jesus salvai-me! – murmurava ella perdendo o alento, e tiritando em calefrios.

Luiz, receando que a convulsa rapariga lhe <morresse>[↑expirasse] nos braços, <lançou-a>[↑atirou-a] para o hombro direito, e <correu>[↑apertou o passo] por entre o hervaçal, disendo ao rapaz que fosse adiante avizar o amo<,>/. \ <mas o rapaz>

No momento em que <dobrava>[↑ transpunha] o <socalco>[↑portêlo] com o embaraço do pezo e do estorvo ã lhe fazia o vestido molhado, teve de apanhar [1 colher] as saias com a mão esquerda; e, neste <acto>[↑lance,] sentiu nas costas da mão um <\*corp> contacto de liquido quente com <cheiro>[↑fartum enjoativo] de sangue. Então pensou que ella estivesse ferida, e perguntou:

– Tu feriste-te, Josefa?

<N>[↑Ella n]ão respondeu, nem gesticulou levemente. Os braços <cahiam>[↑pendiam] [↑ inertes] ao longo das costas do moleiro, e [↑a] cabeça <mechia-se>[↑balançava] maquinalmente conforme [os] <ba> movimentos variados que elle lhe dava ao corpo ageitando-o para saltar <o>/a \ <portêlo.>[parede escadeada.] Vencida a diffculdade, e conseguindo assentar o pé no trilho pedregoso <d<a></o>/a> <viella><[↑<qu> cangosta]>, por onde viera, sentou-se esbofado no respaldo de uma <pedra>[↑fraga]; e, <a tremer>[↑como gelado] do terror d<a>/o \ <morte>[↑cadaver] ã lhe parecia <ter>[↑resfriar] nos braços, tremia, <soltan> descendo do hombro para o <collo>[↑regaço] a mulher que effectivam<sup>te</sup> estava morta.

Chamou-a, agitou-a, invocou as almas á mingua dos recursos homanos; e, encostando-a á ri[9]banceira, <limpava>[↑enxugava com a rama de fetos sêccos] o suor que lhe <nad> <cahia>[↑gottejava] das faces ao peito.

Poucos minutos depois, João da Lage, o vigario, e outras pessoas atrahidas pela curiosidade ou pela compaixão, desciam a Cangosta [1 cangosta] do Estevão com fachos de palha accêsos. A Brites da Capella [1 do Eirô] que os vira passar[1 ,] ajuntou-se ao grupo dizendo que, ao toque das Trindades, tinha visto Josefa saltar para o campo da Lagôa e metter p<sup>a</sup> o lado do rio, com o saioto pela cabeça<,>/. \ <e acrescentara que ella fazia> [1 §] Na extrema da viella encontraram o Luiz moleiro sentado <ao> á beira de Josefa que, vista á luz dos archotes, parecia viva por ã tinha os olhos abertos[.] <e <a>/os \ <boca> beijos <entreabertos> †>

– Que é isso, rapariga? – perguntou o pai.

– Não lhe perguntas nada, [↑João,] que ella está <morta>[↑com Deus] – respondeu Luiz.

O vigario, apalp<ou>/ando \-lhe as mãos e o rosto, <d>/c \onfirmou:

– Está coberta de suor frio. Que foi isto? – ajunctou elle voltando-se p<sup>a</sup> o João da Lage – vossê hade saber pouco mais ou menos por que esta boa rapariga se deitou a afogar!

– Eu não sei – respondeu o <lavrador>[↓pai] [↑com a serenidade de um estranho narrador[1 .] <1 ->] – Ella estava doente ha mais de mez e meio; mandei chamar o

boticario de Friume; elle receiptou-lhe não sei que <deabo>[↑berzabum] [1 barzabum] de charopadas que a rapariga pegou de inchar [1 a rapariga nem p'ra traz nem p'ra diante.]; <e la a m<sup>a</sup> companheira começou a duv> <e hoje <ao fim da tarde> á hora> e [1 Ora vae] hoje ali pela <sesta veio dizer-me a minha companheira q̃ ella mordida a roupa da cama a dar gritos>[↑sesta fui achar a m<sup>a</sup> <compa> Maria a chorar, mas nada me disse]. Depois, fui <p'rá minha vida,>[↑<tom> regar um campo de milho][1 ,] e quando <voltei>[↑tornei] a caza á noit<e,>/inha,\ [1 á noite,] e perguntei por m<sup>a</sup> mulher, soube que ella estava <a chorar>[↑ainda] no palheiro. Fui-me onde a ella, perguntei-lhe o q̃ tinha, e ella <disse-me>[↑ja] [10] <que estava com uma colica q̃ lhe costuma a dar>[↑me não respondeu, por que estava sem acôrdo; peguei n'ella e deitei-a na cama;] e agora qd<sup>o</sup> la chegou o rapaz com a noticia, <eu ja não na vi, nem sei p<sup>a</sup> onde ella está> ia eu mandar chamar o <cirurgi> barbeiro das Vendas Novas a ver se m'a sangram [1 sangrava].

Nest<e>/a\ conjunctura, <[ou]viram todos> voltaram-se todos para um dos campos por onde vinha correndo <e gritando> a mãe d<e>/a\ <J> morta, chamando a filha a grandes brados.

Os archotes erguidos ao alto alargaram a penumbra e condensaram mais a treva por onde o vulto da mulher vinha crescendo com <os>/as\ <braços no ar>[↑mãos na cabeça.] A Brites <benzia-se <com> attribuindo ao sobrenatural o horror do quadro.>[↑aconchegava-se do vigario para [1 a fim de], no caso de intervenção deabolica, se encostar á columna da igreja. Luiz meditava nas revelações do lavrador, e] João esperava quieto, silencioso e estúpido a chegada da mulher. <O vigario chamava-a>

Ella saltou do campo <ao>/á\ barroca <atravez>[↑por cima] do tapume [↑de espinheiros e silvas,] foi direita á filha, deitou-se sobre ella a beijal-a, [↑a sacudil-a,] a chamal-a com gritos de louca, e ali perdeu os sentidos entre os braços <possantes>[↑brutaes] do marido que se esforçaram por desprendê-la d<o>/a\ <cadaver>[↑morta].

\*

Vinte e quatro horas depois, o cadaver de Jo<anna>/sefa\ de Sto [1 Santo] Aleixo, a <trigueira>[↑loura] mocetona, <que os bons lavradores da frequenzia> desceu á cova, por que o fedor da podridão <aconselhara> obrigara a alterar o estylo das quarenta e oito horas sobre terra. Maria da<s> Lage, a mãe, <fugira da caza e> disiam que dava em louca, por que não comia, nem bebia, nem chorava.<.>/; [↓<nem> e, durante a noute [1 noite], fugira p<sup>a</sup> o lado da serra.]

<1 §> O pai da defuncta, <lembra> aborrecido dos interrogatorios [↑impertinentes] q̃ lhe faziam os visinhos e parentes ácerca das causas q̃ levaram Josefa a <suicidar>[↑matar]-se, fechou-se na adega; e, nas securas da sua ardente afflicção, é natural que bebesse. [1 §] O leitor [↑urbano] [11] <não>[↑mal] imagina como são estes pais <das aldeias>[↑e maridos ruraes] quando lhes morrem as filhas ou as mulheres. Os mais <sentimentaes>[↑lugubres], se estão seis horas no forçado jejum a que os obriga a funeral lareira apagada, começam a cahir n'um<a> <tristeza>[↑sentimentalismo] de burros com fome. Nunca vi uma lagrima <resvalar>[↑luzir] nestas caras. Às vezes, morrem mães que deixam um grupo de creanças ali a chorar n'um canto da cozinha. Os viuvos olham para os pequeninos<1 ,> <e não choram.>[↑de travez, e ralham-lhes brutalm<sup>te</sup>.]

<1 §> A estupidez é mais valente que a morte. <O cerebro<,>/e\ o coração, sem>[↑ Se falta] a luz que <mostra os abysmos da dor, são umas empadas de mas>[↑

adelgaça e rompe a treva do homem barbaro, á mistura com [↑a] velhac<o,>/aria\ [↓ que a civilização lhe tem dado,] o cerebro e o coração são umas empadas de mas]sa inerte, umas substancias granulosas ou fibrosas contidas em [↑sacos] membran<as>/osos\. Não ha nada mais bestial que o homem sem a alma que se faz na educação. A mulher ja não é assim. A maternidade é uma illustração que lhes dá a [↑intuitiva] intelligencia do amor e das grandes tristezas. Essas, em toda a p<sup>te</sup>, a chorar, são mulheres; e, ainda n<o>/a\ derradeir<o>/a\ <degrao><[↑volta]>[↑curva] que <imerge>[↑attasca] em lama a espiral da <desgraça> degradação, é-lhes concedido <ao olhar> remirem-se pelas lagrimas. <[O homem qd se abisma, \*tem a consciencia pesada como um \*carro que \*cae.]>

<1 §> Estas reflexoens [↑<não são m<sup>as</sup>.>[← não são todas m<sup>as</sup>. [1 :]] quem <as>] fazia [↑algumas era] um <escreved> <secret<sup>o</sup>>[↓escrivao] <do juiz de paz> <dos †> <[da adm<sup>am</sup>] do concelho>[↑ do juiz de paz], que fôra <dar os pesames>[↑desanojar] <a>/o\ João da Lage; e, pôsto a um canto d<a>/o\ <sala onde se ajunctavam as> sobrado, conversava com um <bacharel>[↑minorista] d<a>/a\ <Granja>[↑Povoa], que assistira aos responsos.

– Você conhecia esta rapariga, padre Bento? – perguntou o funcionario ao minorista.

– Vi-a uma vez na romaria do S. Bartolomeu, f<a>/e\z <agora> um anno em [1 em 24 de] agosto. Assisti-lhe[↑lhe]<sup>6</sup> aos exorcismos na capella do sancto.

– Ah! [↑Conte-me [1 conte-me] isso...] ella tinha demonio no corpo? <† o patife> Note você, padre Bento, que os espiritos má[12]os quase [1 quasi] sempre se ferram nos bons corpos!

O <clerigo in minoribus>[↑tonsurado] entreabriu um sorriso de forçada complacencia, e não <levantou do mas> deu azo a que o <voltaireano>[↑espirito-forte] abrisse a <torneira>[↑valvula] dos sarcasmos, por causa dos quaes havia sido expulso d<o>/e\ [↑um] convento graciano onde noviciava, e tambem por que <tinha livros prohibidos>[↑sabia francez, e lia *O Citador* de <Lebrun> Pigault-Lebrun], e chamava a [1 á] [↑carniceria da] revolução franceza a grande operação da catarata social. Disia coisas [1 cousas] como os <litteratos>[↑socialistas] de hoje, ã estão a chocar o ovo de uma coisa peor[1 ,] ã hade ser os <litteratos>[↑socialistas] de ámanhan.

– Bonita era ella... – concordou o estudante de <moral>[↑Theologia [1 theologia] dogmatica;] <q> e, <accenando> [↑movendo pausadam<sup>te</sup>] a cabeça <sentimentalm<sup>te</sup>>[↑como quem confirma uma recordação dolorosa], acrescentou: – Bem sei eu quem foi a cauza deste suicidio...

– Sabe? e está calado com isso...

– <Podera não estar> Estou, e... estarei – respondeu discretam<sup>te</sup>.

– <Foi o> Ja sei quem foi a cauza de se suicidar a Josefa – accudiu o escrivão.

– <Q>/S\abe? ... então q<sup>m</sup> foi?

<->[↑– Foi] Você<, >./\ <sôr estudante.> [↑padre!]

– Não me diga isso nem a rir! [– acudiu o theologo com semblante mortificado.]

– Estou a brincar, padre Pedro; sei [1 . Sei] quem é o meu amigo<. Diga o que sabe>[↑; sabe-o toda a gente; [↑mas] conte-me essa historia] se confia em mim.

– <O ã eu sei pouco é> Lembre-se que essa pobre mulher ainda está quente na terra. Conversaremos outro dia.

O minorista ergueu-se, quiz despedir-se de João da Lage[1 ,] que se fechára na adega com a sua dor, e sahiu acompanhado do escrivão, que o não largou até lhe arrancar o segredo <á>/a\s [1 ás] <prezas>[↑reluctancias] d<os>/o\ escrupul<os>/o\. O futuro <sacerdote>[↑presbitero] comprehendia <sanctam<sup>e</sup>>[↑christãmente] o dever da

---

<sup>6</sup> Existe aqui um borrão posterior à escrita, que motiva esta reescrita.

caridade; mas, vencido pela pertinacia do amigo, disse o <pouco> que sabia, encarecendo o melindre da revelação.

[13] <1 §> Summariamente contou o seguinte: [§] <q>/Q\ue <ella> Josefa, quando foi exorcismar-se á capella de S. Bartholomeu, a Cavêz, não tinha no corpo o espirito immundo; e acrescentou em parenthesis que <duidava de que o>[↑não <acreditava em>] [↓duidava da existencia de] demonio[s] <pudesse metter-se em corpos baptizados>[↑sucubos e incubos.](<sup>1</sup>)

<sup>(1)</sup>[1 A profunda certeza de que o corpo humano está exposto ás invasões diabolicas, entra no Minho, em capacidades de bachareis. Vinte e oito annos depois que o minorista professava crenças em obsessos, por 1841, na freguezia de Ribas, concelho de Celorico de Basto, um moço de lavoira requeria ao juiz de paz – que o era dos orphãos tambem – n'este sentido: «Que a alma de certa pessoa se lhe mettera no corpo, e o não deixava dormir, exigindo-lhe um sermão e certo numero de missas; e, como elle supplicante era pobre, requeria que esta despeza fosse feita á custa da caixa dos orphãos.

O juiz de paz ponderou seriamente e conscienciosamente a justiça do pedido; mas não quiz ainda assim decidir sem consultar pessoa de maiores theologias. Mandou, pois, ouvir o doutor curador dos orphãos; o qual respondeu «que se ouvisse previamente o conselho de família.» O conselho reunido deliberou que, visto o doutor curador não impugnar, era de parecer que se concedesse á alma a graça que requeria, e se aliviasse o rapaz do vexame. Em consequencia, prégado o sermão e ditas as missas, o rapaz ficou são e escorreito. (Veja o *Periodico dos Pobres no Porto* de Maio de 1842, e a *Revista Universal Lisbonense* do mesmo ano, pag. 430). O doutor curador de Celorico provavelmente está hoje no Supremo Tribunal de Justiça a lavrar accordãos. Similhante magistrado, se conservar ainda no espírito as velhas crenças até certo ponto christãs, decerto não fará justiça de moiro.]

E demonstrou que os havia [1 que havia obsessos], authorisado com S. Gregorio, S<sup>to</sup> [1 Santo] Athanasio, S<sup>to</sup> [1 Santo] Hilarião, ã luctou com elles em forma de mulheres. O escrivão replicava que [↑todos os homens eram Hilarioens, e] cada <homem>[↑qual] era o demonio de si mesmo; <e por> porem não citava auctor digno de credito; toda a sua erudição neste importante assumpto era um fragmento de [↑má e velha] poesia franceza ã disia assim:

*On se livre à la volupté  
Parce qu'elle flatte et qu'on l'aime;  
Et si du diable on est tenté,  
Il faut dire la vérité:  
Chacun est son diable à soi-même.*

O minorista[↑, ouvida a tradução da quintilha] confundiu<-o>[↓o adversario] com latim; e, a respeito da filha de João da Lage, continuou:

– Não era possessa; era a paixão que a desnorte<ou>/ara\ [1 desnorteava]. O snr Mauricio conhe<eu>/e\ o morgado de Cimo-de-Villa? <1 Perfeitam<sup>te</sup>.>

– Se conhe<ci>/ço\! aquelle cadête de cavallaria de Chaves que estudou primeiro para frade [↑cruzio], e assentou praça quando ficou senhor da casa por morte do irmão. [1 ...] [↑Esse rapaz foi p<sup>r</sup> a corte com o pai. [1 ...]] Foi elle [↑então] quem na apaixonou <?>/...\

– Foi. Ha quem os visse no bosque de amieiros da Insua, defronte da Granja. O snr [1 senhor] sabe...

– Conheço esse bosque. O [↑meu] padre-mestre de latim chamava-lhe a */Illa dos Amores*; foi la que [14] todos os [↑bons] latinistas meus condiscipulos leram a *Arte de Amar* de Ovidio; e o cadete, pelos modos, applicou as theorias do Sulmonense...

– Não vamos tão longe, snr Mauricio – emendou o minorista[1 .] – O que se diz é que elle passava o Tamega nas poldras, com a cana de pesca e o cacifro; depois, mettia-se na Insua, e <\*la> [↑ [1 a] Josefa] ia la ter[.] <deixando o gado entregue>

– Tudo isso é innocentemente pastoril. Depois elle fazia de *Felicio* e ella de *Florisa*, como os pastores de Fernão d’Alvares d’Oriente, e <disiam> altercavam os seus queixumes [↑ao som do arrabil]... Vamos ao fim do conto: a rapariga fragil e bonita...

– Devagar – atalhou o prudente môço[1 .] – Não inventemos culpas, attidos á logica dos delictos. É necessario attender aos temperamentos das pessoas, quando não quizermos extremal-as pela virtude.

– Padre, eu não o percebo. Quer dizer que elles se amavam honestamente? Diga isto <\*clar> assim [↑pelo claro,] ã eu accredito tudo q<sup>to</sup> ha virginalm<sup>te</sup> extraordinario em um cadête de cavallaria de Chaves.

– Digo o que sei e presumo sempre o melhor quando não tenho provas do peor. [1 E, quando as tenho, calo-me.] O que <sei>[↑affirmo] é que o morgado de Cima-de-Villa, chegando [↑ha dois mezes] de ferias de Coimbra, [↑onde estuda mathematica,] pediu ao vigario de Sancta Marinha ã o cazasse com Josefa de S<sup>to</sup> Aleixo. O vigario recusou-se e avisou <o pai de Ant<sup>o</sup>> Christovão de Queiroz[1 .] pai do cadête. O fidalgo sahiu, como o snr sabe, com o filho para a capital; e lá, como o filho [1 o cadete] quizesse fugir-lhe[1 .] [↑ou [1 mesmo] recuzasse obedecer-lhe], metteu-o no Limoeiro. Entretanto, Josefa suicida-se. Agora, seja qual [15] for a cauza que levou esta mulher morta á desesperação, a caridade o ã ahi vê é uma desgraça[1 .] e a religião chora uma alma condemnada.

– Adivinhei o que o padre não sabe...

– Nem quero saber – accudiu o minorista, e retirou-se, agitando [↑rapidam<sup>te</sup>] ambas as mãos com gestos negativos.

\*

A nossa curiosidade [↑ <1 ,> nesta epoca de <analyse> escalpello,] vai alem dos limites que o theologo abalisou á sua. [Desenterre-se o cadaver, e venha para o amphiteatro anatomico.]

Josefa não fôra calumniada pelo escrivão, quando elle lhe ma<r>/sinou\ a innocencia nos sinceiraes da Insua. Uma coisa verdadeira, que os máos homens quase [1 quasi] sempre tem, é a critica mordaz dos <[↑máos]> costumes. Percebem e farejam os actos mais <re>/abs\conditos da sociedade, como se a sociedade fosse obra d’elles. As pessoas candidas e boas vivem constantemente logradas, e andam tão vendidas n’esta feira de peccados, como o <Jere> *Serafim* do auto de Gil Vicente. Enlevadas no especulativo, <librando-se>[↑pairando] ao de cima destas <enfermarias>[↑ambulancias] em que todos gememos amputados na alma ou no corpo, quando cuidam ã é <innocencia>[↑virtude e resguardo] a ignorancia das coisas mundanaes, vem o <Deabo>[↑*Mercurio*] do poeta [↑jogralêsco] [1 jogratesco] d<e></o>/e\ <[↑ piedoso]> <D. João 3<sup>o</sup>> [↑D. M<sup>el</sup>], e diz-lhes:

*Muitos presumem saber  
As operaçoens dos ceus,  
E que morte hãode morrer,  
E o que hade acontecer  
Aos anjos e a Deus,  
E ao mundo e ao diabo.*

[16]

*E o que sabem tem por fé;  
E elles todos em cabo  
Terão um cão pelo rabo  
E não sabem cujo é.*

Isto ã diz aquelle grande realista do <Gil Vicente>[↑seculo <XVI> de quinhentos], é verdade. <Quem>[↑Os ã] se der[em] a <investig> para fazer operações do ceo, quando mal se precatarem, são <mordidos>[↑filados], onde quer que seja, pelo mastim da <chalaça, <que é o *substractum*><[↑ que tem as]> [↑, a chave da sciencia,] de tudo quanto se aprende> ironia que <descamba em>[↑ lhes crava o dente canino da] chalaça [1 chufa]. Estes bons corações passam entre nós [↑mordidos][1 ,] espavoridos, com os dedos no nariz, e vão deixando os paletós nas mãos incontinentes das Zuleikas.

Maurício, o escrivão, tinha n<a>/o\ <alma>[↑corpo] <as>/a\ <peçonh<as>/a>[↑nevrose] que <duplica> augmenta <a>/o\ <capacidade>[↑calibre] d<o>/a\ <nervo optico>[↑retina], <e faz as nevroses> <e faz isto qd> e [↑lhe] espêlha imagens a travez de corpos opacos. <Infelizmente,> <r>/R\aciocinou com a logica dos corruptos, <e infelizmente> que é a arte de pensar bem. <Os> <q>/Q\ue[m] pensava mal era o theologo, imaginando ã o cadete e a loura de St<sup>o</sup> [1 Santo] Aleixo, emboscados no <arvoreda>[↑choupal] da Insua, eram mais innocentes que os passaros. Não se pode ser perfeito hoje em dia sem se ser um bocadinho idiota. [A] <E>/e\sta <†>[↑ saudavel] ignorancia das miserias do proximo chama o meu padre M<sup>el</sup> Bernardes “trevas clarissimas”.

[1\*]

Ora vamos á historia, ja que <nos>[↑me] coube em sorte arpoar [↑com penna de ferro,] no fundo lodoso deste tinteiro, <com penna de ferro as phrazes> as phrazes do meu tempo.

Era pescador e caçador Antonio de Queiroz e Menezes. Viu no monte a filha do lavrador de St<sup>o</sup> [1 Santo] Aleixo. As serras tem sombras do infinito. O coração ahi é maior que as dimensoens do peito. O homem como se vê so, n<o></a>/o\ <topo><[↑crista]>[↑cabeço] de um <penhascal>[↑fragoêdo], dá-se grandeza extraordinaria<.>/,\ [↑mede-se <no estalão que vai>[↑pelo comprimento] de horisonte a horisonte.] Se o amor lhe fulgurou [1 rutilou] ahi como um relampago ã <incendeia><[↑rutila]>[↓fulgura] [17] [n’]uma [↑vasta] cordilheira de montes, é um amor <grande que applicado>[↑olympico, <immenso,>[↑titanico,] [immenso,] ã disparado sobre] a modestia e singeleza de uma rapariga montezinha, faz lembrar <o> Camoens:

..... *Qual será o amor bastante  
De nympha que sustente o d’um gigante?*

Andava elle cursando rethorica em Coimbra para ir vestir o habito de frade fidalgo em S. Vicente de Fora. Tinha vinte e <tantos> <poucos mais>[↑dois] annos, e aspecto pouco de bernardo. Era magro e pallido, da pallidez dos que amam, segd o preceito ovidiano: *Paleat omnis amans*. Tinha extasis nos pinaros das serras, como se ouvisse as harmonias das espheras. Sentia o grande <vacuo>[↑vazio] que a rethorica lhe não enchia. Queria o amor, não queria <figuras>[↑tropos]; preferia uma mulher feia[1, se as ha,] á <melhor pro<p>/s\opopeia>[↑mais nitida metaphora] de Cicero ou Vieira.

N’estas ideas o encontrou Josefa da Lage, nos montados da sua freguezia.

Córaram ambos. <Ella ficou com o fuzo suspenso e quieto entre os dedos, elle com a <sua> espingarda no hombro, a mais natural das atitud> Este rubor era o primeiro lampejo do incendio. Depois, [↑á volta de poucos dias,] o fogo levou de assalto aquelle <fragil>[↑combustivel] edificio de innocencia, <de †>[↑cheio de fluidos inflamaveis.] A serra tinha penhascaes, bosques, cavernas, insin[u]ando o amor selvagem. Rodeava-os uma natureza contemporanea do homem vestido da pelle do <seu>[↑seu] <irmão>[↑confrade] [↑em civilização,] o grande urso e o grande veado. A forma [↑selvática e] antiga do <theatro>[↑proscenio] deu-lhes <os> geitos de antigos actores da vida animal. Ninguem que os visse, ninguem que lhes lesse os grandes livros do padre Sanches, ácerca do matrimónio. Oh! a solidão, entre dois amantes, faz os poetas; mas [↑talvez] primitivos de mais, algum tanto gaelicos, <scandinavos>[↑normandos], alheios de tudo o que é epistolographia amorosa, [1 –] <brutaes no>[↑ pelles-vermelhas no] rigor <da palavra>[↑antropologico], á vista do modo como [18] a gente em honesta prosa costuma cazar-se.

Assim seria; mas elles adoravam-se.

– Não serás frade! – disse-lhe o coração a elle.

– Assim ã meu pai morrer – disse <Ant<sup>o</sup> de Queiroz>[↑elle] á filha do lavrador – cazo contigo. Vou sentar pra<ça>[↑ça], quer meu pai queira quer não. Sou o morgado, por que meu irmão mais velho morreu.

Ella, para ser feliz até ás lagrimas, não precisava destas esperanças. Preferi/a\ tel-o, e amal-o n<o>/a\&lt;ermos>[↑matas chilreadas,], n<a>/o\&lt;gargantas dos outeiros> desfiladeiros dos montes, no <choupal>[↑sinceiral] da Insua, nas alcôvas de ramagem que só elles e os rouxinões conheciam nas margens do Tamega.

Foi por ahi que deslisaram trez meses do estio e outomno de 1812. <Queiroz> [→ Elle foi p<sup>a</sup> Coimbra, com farda de cadête.]

O velho fidalgo de Cimo-de-Villa ponderou na mudança de ideas do filho. <Excogitou>[↑Escodrinhou] razoes secretas que o movessem; <mas>[↑todavia,] não o contrariou. Tinha <filhas>[↑meninas] para conservar a <especie>[↑raça] dos Queirozes e Menezes; mas a casta <por varonia>[↑varonil] iria pelas geraçoens alem menos sujeita a reparos de genealógicos. <É verd<sup>e</sup> ã>

Nas suas pesquisas descobriu que o filho, vindo a ferias do Natal, passára o Tamega, e caçara nos montados de St<sup>o</sup> [1 Santo] Aleixo. [↑Foi visto. É ã] Os [1 os] arvoredos estavam desfolhados; <a Insua desapareceu> os choupos da Ínsua mostravam as grimpas [↑curvadas] á flor da corrente caudalosa [1 arrebatada]; nos reconcavos das penedias, em vez dos froixeis de relva, havia lençoes de neve, palmilhada pelos lobos. Como não tinham florestas confidentes, <eram> foram vistos á beira do rio, ali mesmo, <sob> na cangosta do Estêvão, <onde> sentados n'aquella fraga, onde o Luiz moleiro encostou o <cadaver>[↑cadaver] de Josefa. O velho não deu [19] a minima importancia á denuncia, logo ã lhe disseram quem era a rapariga.

– Antes por lá que pelas criadas da casa – disse o assizado fidalgo – É rapaz, e precisa de se divertir.

No ultimo quartel da vida, os paes... e ate as mães – sancto Deus! – dizem aquillo. *Precizam divertir-se* os filhos: levem a deshonra onde quer que seja; mas não corrompam a disciplina domestica, não embarrem pelas creadas, não perturbem o serviço da caza. <Uma senhora de cincoenta annos diz isto> Com que <affecto> zelo estas matronas veneram a moral da cozinha, [↑da salgadeira e] <e> da dispensa!

Nas ferias de Paschoa, Ant<sup>o</sup> de Queiroz viu chorar Josefa. Não eram lagrimas de amante magoada, nem de filha malquista de seus pais: eram lagrimas de mãe. Entrara-se de uma terrivel vergonha e confusão. Ninguem a suspeitava: e ella, se alguem a <olhava>[↑encarava] a fito, <voltava o rosto>[↑estremecia]. A mãe era <um \*virago>[↑cruel] com as mulheres manchadas. No seu serviço não entrava jornaleira <infamada> de má <fama>[↑nota]. Não se ajoelhava na igreja á beira de creatura de ruim vida. Dava-lhe este direito haver sido filha humilde e esposa honrada do homem com quem a cazaram, o João da Lage, que era <sup>2</sup>cambado, <sup>1</sup>vêsgo, <malcreado>[↑lanzudo] e bebado.

O pai <vira,>[↑<topara>[↑vira [1 viu] de longe,]] uma <vez>[↑tarde], Josefa a conversar [↑em uma barroca] com o fidalguinho, e disse<1 ra>-lhe:

– Se tua mãe o sabe, dá-te cabo do canastro, rapariga.

Não lhe bateu, por que estava sempre ás avessas da mulher. Se elle imaginasse ã a mãe <lhe> fechava os olhos ás toleimas da môça, então [20] <de> com certeza lhe dava.

A rapariga tremia [↑pois] da mãe, e queria fugir; mas o cadête, cheio de bons propositos, jurou-lhe que viria cazar com ella, antes <que> de sinco mezes. <Dizia-se>[↑Dizia o cirurgião] que o velho tinha uma anazarca, e não viveria mais de trez. O estudante <†> contava com isto, e disia-o com uma socegada fleuma como se se tractasse da [↑esperançosa] morte de um parente desconhecido <que estivesse nos> p<sup>r</sup> [1 para] onde <lhe> houvesse de lhe vagar a administração de um vinculo. [↑Pobres pais!] A verdade é que o fidalgo tinha as pernas inchadas, e promettia não incomodar mt<sup>o</sup> tempo a sua familia.

Passados os cinco mezes aprazados, Christovão de Queiroz desinchou, ao contrario da Josefa da Lage. Parecia castigo um pouco zombeteiro! O estudante, quando recebeu esta nova com os parabens do cirurgião, <veio>[↑foi] à terra; e, como já <se> disse o minorista, expoz ao vigario <a>/o\ <situação> estado [↑melindroso] da rapariga, e pediu-lhe ã os recebesse. Ja sabem que o vigario denunciou ao velho o proposito do [↑joven] doudo [1 doido] que pensava em envergonhar seu pai, [↑não só] descendente de Bernardo del Carpio, illustrissimo gallego, [↑sobrinho d'el-rei D. Affonso, o Casto][1 .] <e>[↑mas tambem] representante de Fernão de Queiroz, [↑castelhano,] que entrou em Portugal a servir el-rei D. Fernando contra o de Castella, [↑– um renegado da patria]. O fidalgo, qd<sup>o</sup> tal ouviu, mandou sellar <os>/as\ <machos>[↑mulas] dos lacaios e pôr aos varaes da liteira a parelha dos nedios machos. O filho recebeu ordem de acompanhar seu pai <a>/á\ <Lisboa> <Lisboa> côrte, onde não havia côrte <1 nenhuma> [↑n'esse tempo]. A surpresa abafou a reacção [↑do môço]; e [1 mas] o velho, em todo prumo d<o>/a\ <seu>/sua\ <orgulho>[↑soberba], se <Antonio>[↑o filho] reagisse, iria á sua <m>/p\anoplia – que era um feixe de montantes e <lanças><[↑lanças]>[↑partazanas] ferru[21]gentas encostadas a um canto da tulha – e seria capaz de lhe metter um ferro [↑de lança] no degenerado peito! Assim fizeram sempre Queirozes, os *bons*, entenda-se; por ã ha em Portugal outros Queirozes, ã não vem de Bernardo del Carpio [↑– o qual matou o rei dos Longobardos em Itália –] <se> e estes fazem o ã lhes parece, por que não são dos bons<.>/,\ <-> [nem tem diplomas de assassinos desde o seculo IX [1 X].] (\*)

(\*) Como agora se está operando em Portugal um<a> renascimento de estudos proveitosos, indico á mocidade a leitura attenta de tudo ã intende [1 entende] com Bernardo del Carpio, e principalmt<sup>o</sup> a *Historia verdadeira* do mesmo em idioma lusitano por Ant<sup>o</sup> da Silva, mestre de grammatica, Lx<sup>a</sup>, 17/4\5, 4.<sup>o</sup>

Chegados á capital, o solarengo provinciano, sem consultar o filho, agenciou-lhe noiva entre as mais estremes do sangue <germano> <†> <gothico>[†germanico das Asturias]. Quanto [1 Isto de esposas, quanto] mais barbaras na origem, melhores. Quem poder hoje provar[1, com trinta e seis quartéis,] que seu trigesimo avô era [†celta,] <scyta>[†íbero], huno, [†vasconio,] ou <\*eslavo> [†gepida], tem barrigadas de orgulho de raça; mas bom será que tenha d'outras p<sup>a</sup> a digestão. Os arabes eram intelligentes, [†<quase> civilizados], e finos: porém vão la <inxertar>[†filtrar] em um[a] net<o>/a\ d<o>/e\ <Laim Calvo>[†Pelagio ou Cid] uma gota de sangue mussulmano! É uma arvore pôdre, uma genealogia estragada<.>/;\ [<Presumem os praguentos qu> por que pode ser que alguma dessas<sup>7</sup> [21v] <1 antigas> <damas><[†donas]>[†Urracas, <ou Mumadonas>[Ortigas ou Gelorias]] [1 antigas] passasse pelo harem do amir de Cordova[1 ,] Al-horr Ibn Abdu-r-rahman Ath Thakefi, sugeito ã foi mt<sup>o</sup> amado pela melo<peia>/dia\ suavissima do seu nome.]

[22] Não estava no rol das infelizes senhoras de raça mixta a destinada esposa de Ant<sup>o</sup> de Queiroz. Era <dos>[†Telles de] Menezes, mas *dos bons*, <da prole>[†oriundos] de uma [†D.] Ximena, filha de Ordonho 2.<sup>o</sup>, que fugiu ao pai com um cavalleiro, que a abandonou em um <matagal>[†bosque], <no>[† d'onde a misera foi dar ao] sitio <onde> ã hoje é Turguêda, na comarca de Villa Real, e ahi casou com <um>[† <otio>[Telo]], lavrador do cazal de *Menezes*. (\*)

(\*) Os linhag<eiros>/istas\ contam assim a origem <dos <Telles e Menezes>/Telles e Menezes>[†desta <\*ill> illustre fam<sup>a</sup>].<sup>8</sup> <Alguns tendem a acabar como principiaram>. Do rarissimo *Nobiliario* [ms] de Damião [22]<sup>9</sup> de Goes damos o traslado da original e romantica formação da familia *Menezes e Telles*. «Os Telles e Menezes ha-se por certeza descenderem de elrei D. Ordonho 2<sup>o</sup> [1 II] de Leão, pel/a\ infanta D. Ximena, a qual, enamorada de um cavalleiro da corte de seu pai, detreminou [1 determinou] fugir com elle; e, tomando de suas joias e vestidos o que pôde, certa noute executaram este intento, tomando-a elle nas ancas do seu cavallo; e, como as terras não eram tão povoadas como agora, e havia grandes mattas, elles se embrenharam n'ellas, por fugirem de q<sup>m</sup> os buscava. O cavalleiro, reconhecendo o mal ã tinha feito, ou por temor ou por força do Fado [1 fado], com o pretexto de ã ia buscar mantimento, se foi, e nunca mais tornou. Vendo a dita infanta sua tardança, e conhecendo sua fugida, com muitas lagrimas começou a caminhar por aquellas mattas com grande risco e trabalho, e no cabo de alguns dias foi ter a um cazal que se chamava *Menezes* <sup>(\*)</sup> onde morava um lavrador que se chamava Tello, com sua mulher, os quaes espantados desta novidade por este seu cazal estar mettido em uma grande montanha, compadecidos das lagrimas da hospeda, e agradados da sua grande formosura a recolheram em sua casa, na qual a infanta, despindo os seus ricos saios, se vestiu de saial, e, occultando q<sup>m</sup> era, os ficou servindo como criada, até ã, morrendo a mulher deste lavrador, este casou com ella, pensando fazer[†-lhe] n'isso esmola. E deste matrimonio tive[23]<sup>10</sup>ram filhos. D'ahi [1 D'ali] a muitos annos, andando el-rei D. Ordonho, correndo a sua terra, ja esquecido de sua filha, foi ter áquelle cazal, onde Telo com sua filha morava, [†e] onde o lavrador o agazalhou como pôde. A infanta vendo ali seu pai, a toda a pressa fez do brocado dos seus vestidos ã ainda guardava, dois pelotes a dois filhos que de seu marido tinha, que parecendo-se com ella, <†> eram mt<sup>o</sup> louros e formosos, e logo guizou umas malpassadas que era a maneira de comer de que seu pai se pagava, e n'ellas deitou um anel que o dito seu pai lhe dera: e, feito isto assim, mandou este guizado pelos filhinhos ã com mt<sup>a</sup> graça apresentaram na mesa d'el-rei os pratos; o qual, vendo esta novidade, perguntou a Telo que mulher era a que tinha; e, contando-lhe elle o successo passado, de <1 ã> como ali tinha vindo aquella mulher, o dito rei se levantou da meza[1 ,] logo, e se foi onde ella estava, ã, prostrada <de>[†em] joelhos com mt<sup>as</sup> lagrimas, foi recebida de seu pai com grande pied<sup>e</sup> e contentam<sup>o</sup>, e trazendo comsigo para a corte a filha, marido, e meninos fez ao genro mt<sup>as</sup> mercês, e dos dois meninos se affirmam

<sup>7</sup> Nota para o tipógrafo: (Veja no verso)

<sup>8</sup> O texto a partir deste ponto foi acrescentado posteriormente. Esta adição começa no fl. 21 (“Alguns tendem a...” ) e termina no fl. 24 (“Fauna Lusitana bem methodica”).

<sup>9</sup> Nota para o tipógrafo, ao alto da folha, ao lado da numeração: (Pertence á nota da tira 21)

<sup>10</sup> Nota para o tipógrafo na mesma posição: (Continua a nota)

[1 afirma] procederem os *Tell* e *Menezes*, formando os d<sup>os</sup> apellidos do lavrador e do cazal.»

Até aqui o celebrado chronista del-rei D. Manoel. Se o amigo de [↑Luthero e] Erasmo era tão veridico historiador como genealogico, [1 mui] graves contas hade ter dado a Deus, depois de as cá ter dado ao conde da Castanheira que lhe bateu directa e indirectamente, por causa de sua bisavó [D.] Maria Pinheira, de Barcellos. Convem saber que <a<s> familia<s> Telles>[↑ o rico-homem Tell/o\ [Peres]] <e Menezes> ori<ginaria>/undo\ das Asturias, [↑e quinto neto de D. Fruella 2º [1 II]], <e do> foi senhor de *Menezes*, na Navarra, por troca [↑de Malagan] que fez com Affonso [24]<sup>11</sup> VIII, n<o>/a\ <anno>[↑era] de 121/7\ [1 .,] (anno de Christo <1181>[↑1179]). Menezes era na Navarra, e não em Turgueda, <De <D.> Ordonho II> nas faldas do Marão. Deste Tello descende D. Affonso Tell<o>/es\ que cazou, [↑em seg<sup>das</sup> nupcias], com D. Thereza Sanches filha illegitima de D. Sancho I e de D. Maria Paes, <Ribeira>[↑a Ribeirinha]. D'esta vergontea <so para ca> é que abrolharam [↑ao diante] flores como Leonor Telles. Quanto ao anel que fazia parte do guizado de Ordonho 2º [1 II] encontra-se memoria d'ell<es>/e\ nas armas de todos os Menezes, <bons>/bons\; Cantanhedes </>[↑ou] Marialvas</>, Taroucas </>[↑ou] Penalvas, etc. Não se comprehende que a fabula da fugitiva filha do rei asturiano seja regeitada <como \*de chronica e de todo ponto> como patranha, e nos timbres das armas de Menezes appareça <aduella> uma figura de mulher de cabellos soltos com um escudete de ouro e um anel perfilado de vermelho com um rubi engastado. Eis aqui um bonito assumpto para <os sar> <as>/os\ <noites> saraos litterarios da Academia real neste <inv> <prim> inverno. E quando estes estudos não valham mt<sup>o</sup> para a historia patria, são assaz aproveitaveis para uma Fauna Lusitana bem methodica.

(\*) Cota á margem: *No termo de V<sup>a</sup> Real, fregz<sup>a</sup> de Trugueda [1 Turgueda], junto da grande serra do Marão.*

[25]<sup>12</sup> – Escolhi-te mulher – disse Christovão[1 .] – É ainda tua parenta por Menezes. <É filha segunda>[↑Não é herdeira]; mas o [↑irmão] morgado está ethico, e o segundo-genito é aleijado e incapaz para o matrimonio. Virá ella por tanto a herdar os vinculos. É preciso que a visites hoje comigo.

– Meu pai – respondeu Antonio com respeitosa serenidade – pode V. S<sup>a</sup>. [1 v. s.<sup>a</sup>] dispôr da minha vida; mas do meu coração ja eu dispuz. Ou heide cazar com uma rapariga de baixa condição a quem prometti, ou não cazarei nunca.

O velho pôs a mão [↑convulsa] nos copos do espadim, arquejou largo espaço, e disse:

– Duvido ã <o snr>[↑vossê] seja meu filho. Prohibo-lhe ã se assigne *Queiroz de Menezes*. Adopte o apellido de algum dos meus lacaios.

Ant<sup>o</sup> levantou <a>/o\ <face altiva.> rosto, e redarguiu:

– Não se ultraja assim a memoria de minha mãe.

O velho nutava entre a colera e a vergonha. Estendeu<-lhe> o braço, e apontou-lhe a porta, rugindo:

– Espere as m<sup>as</sup> ordens no seu quarto.

Ao outro dia, um<a ord> mandado da regencia <ao>[↑ ao] intendente geral da policia ordenava a prizão do cadête de cavallaria, Ant<sup>o</sup> de Queiroz e Menezes, no Limoeiro.

<sup>11</sup> *Idem.* (Cont. a nota)

<sup>12</sup> *Do fl. 25 ao 37, vem emendado, por baixo, respectivamente, 22 a 34. Isto permite-nos saber que a nota inscrita nos actuais fl. 22 a 24 foi escrita posteriormente ao texto contido nos fólhos antes numerados 25-27 e alterados após a inserção dos novos fólhos com a nota.*

Josefa espera<r>/v\ a confiada, mas afflicta. Não sabia escrever, não tinha ninguém a quem pedir a esmola de uma carta. A mãe olhava para ella com attenção, mas sem desconfiança. Fazia-lhe umas perguntas da maior naturalidade, e inferia das respostas que a rapariga não estava <boa><[↑ escoreita]>[↑san.]<;>/.\ <todavia,> <o>/O\ cirurgião da terra, que <lia>[↑ <ass> matava] [26] pelo *Portugal Medico* e pelo *Mirandella*, receitava-lhe implastos de [↑ervas] orjavão e <erva> semprónia, fervidas em um quartilho de aguardente. Ao fim de quatro mezes, João da Lage, <achou o pipote da aguardente vasio, e injuriou> que matava o bicho, todos os dias, [↑e <com tamanha> tão copiosam<sup>te</sup>] como se tivesse no estomago a arca de tod<o>/a\&lt; o>/a\&lt; bichos>[↑bestas-feras] diluviaes, queixou-se [↑rusticamt<sup>e</sup>] das sangrias que soffrera o pipo[.]<te.> A <esp> mulher refilou<-lhe>; <\*p> e <\*p>, no apuro da sua indignação, bradou-lhe:

– Ainda eu te veja <\*reben> como está a rapariga!

<Este pae descaroadado fechou o pipo em uma caixa de milho; e, replicando ás invectivas da mulher, disse-lhe que era ella quem bebia a aguardente>

– Salvo tal logar! – <redarguiu>[↑retrucou][1 .] – <r>/R\ebentada te veja eu<!>[→a ti!]

O cirurgião continuou até ao quinto mez; depois, sorrindo com certa <intelligencia>[↑velhacaria], tocou brandamt<sup>e</sup> na face da doente, e disse-lhe a meia voz o que quer q̃ fosse mt<sup>o</sup> semelhante ao que uma comadre, pela boca de Gil Vicente, havia dito trez seculos antes a Rubena:

*Isto é cousa natural,  
E muito aconcedeira.  
Se nunca fôra outra tal,  
Disseramos que era mal,  
Por serdes vós a primeira.*

A vida intima é cheia de <coisas>[↑passagens] ridiculas. A gente, que <faz>[↑escrev<\*es>/e\] <↑> casos tristes, se lhes não joeirasse a parte comica, não arranjava nunca uma tragedia. Estava ali aquella desgraçada mulher sobre as brazas do [1 seu] supplicio, e á volta d'ella a bruta vida de seus pais, [1 –] elle a esconder o pipo [↑da aguardente de medronho,] a mãe a pizar a [erva] sempronia, e a pedir ao diabo [1 sinceramente ao ceo] que lhe levasse o marido em uma das suas fre[27]quentes borracheiras.

Josefa já não sahia da cama, [↑a fim de evitar q̃ a vissem]. Expedia gritos de indisivel angustia, estorcia-se em phrenesis. <Eram as convulsoens da>[↑Tinha alanciada a] alma <em>[↑pelo] tormento<s> d<o>/a\ desesperação. António de Queiroz não chegava!

<Esta agonia apressou a fatalidade> Um dia, porém, uma mulher <de Cimo de Villa, que la chamavam> não conhecida de Maria da Lage, <idoso>[↑mt<sup>o</sup> velha] e bem agraciada de semblante devoto, <appareceu-lhe> perguntou-lhe no adro, <quando sahia>[↑ao sahir] da missa, como estava a sua Josefa. A lavradeira <expres> <ralada> disse [↑mal humorada] o que sabia da <molestia>[↑doença], e perguntou-lhe quem era. A curiosa respondeu que era <de longe>[↑d'alem-Tamega], e viera áquella freguezia por cauza de um sonho que tivera. E, dizendo isto, levantou os olhos para o ceo, e baixou-os logo para a terra com <a> humildade <das> de pessoa indigna das mercês do alto.

– Então que sonhou você, tiazinha? – perguntou Maria da Lage aconchegando-se da mulher com bastante fé.

– Em sua caza lh’o direi, pois que a sua caza é que venho.

E <mexeu> deixou cair uma das contas de páo preto[1 ,] que batendo na imediata [↑do rosario], fez o soído de umas castanhetas. <Desde o adro ate caza, a>

<Ma> Quando entraram no quinteiro, sahia o lavrador da adega, onde pela terceira vez fôra matar o bicho, a[↑quella] hidra de Lerna que botava cabeças todo o sancto dia no bucho <d’aquelle Hercules, e não digo Hercules para <†> fallar tão grego como elle> herculeo de João da Lage. Vendo a <seraphica> companheira da esposa, perguntou[1 -lhe]:

– Quem é essa creatura, ó Maria?

– Que te importa? <é o que aqui está.>[↑Se havias de ir á missa, ficaste a beber, bebado [1 borracho!]] Entre cá p’ra dentro, santinha.

– Guarde-o Deus, snr. João – disse a hospeda.

[28] – Vm<sup>ce</sup> [1 Vossemecê] não é a [↑Rozaria, a] mulher do Manoel <das Tra> Tocha, cazeiro do snr. sargento mor da Temporan? – perguntou João, infitando-se n’ella.

– Sou, sim<1 ,> snr [1 senhor].

– [↑Valha-a o diabo [1 demo]]! Custou-me a conhecê-la! Você vem assim a modo de quem anda a pedir p’ra uma missa! [↑Se] <Q>/q\uer beber, entre ca. Você parece <arripiada> esmaleitada, mulher!

– Deus lhe dê saude; agora não é preciso. Vou ca dentro conversar com a sua companheira á conta d’umas meadas.

– Meadas? Vocês la as arranjam... – disse ironicamente João, ao que a mulher retorquiu:

– Vai-te deitar.

Elle não se offendeu, por ã, <a fallar verdade>[↑em verd<sup>e</sup>], foi-se deitar, como quase [1 quasi] sempre ia, nos fênos do palheiro, onde tinha visovens como nunca tiveram os [↑narcotizados] khalifas de Damasco, resupinos em almofadas da Persia.

Entretanto, a mulher de Manoel Tocha revelava á mãe de Josefa que sua filha estava doente de morrer, se lhe não acudissem...

– Tenho-lhe posto cataprasma de orjavão e semprónia, ha quatro mezes a oito todas a noutes – atalhou M<sup>a</sup> da Lage.

– Isso não lhe faz nada; é o mesmo que pôl-as na barriga d’aquella cadella[1 ,] – e apontava para uma perdigueira que uivava, ouvindo tocar ao longe uma requinta.

– Raios partam a cadella! isto é agouro! – exclamou a dona da caza, remessando-lhe um canhoto ás pernas com grande colera.

– Sua filha está infeitiçada, tia Maria [→ – prosseguiu a outra.]

– Eu ja a levei ao Snr. [1 sr.] São Bartholomeu – contraveio Maria.

– O sanctinho tira o cão tihoso, mas não desfaz [29] os bruxêdos – replicou <a> Rozaria Tocha – <Eu venho>[↑Vamos] ver se ainda lhe <valho> podemos valer.

– Deu-lhe pra inchar! – observou a mãe da infeitiçada.

– Não qu’elle é isso quando o feitiço adrega de pegar d’ostrução – explicou sufficientem<sup>te</sup> Rozaria.

– Vejam vocês! –olveu <espantada>[↑a outra assombrada], cruzando os braços – <Maria s> Quem m’a tolheu?

– Isso agora! <, a seu tempo.>[↑– e olhou p<sup>a</sup> o tecto –] Vamos. Leve-me onde a ella, que eu preciso requerel-a. Aqui levo as *arrelíquias* p’ra lhe deitar ao pescoço. [§] E mostrou <pendentes>[↑dependuradas] de um negalho surrado e sebaceo [↑<†> as seguintes, entre outras coisas [1 cousas] cabalisticas:] duas figas de azeviche, duas

pontas de vaca-loira, um canudinho de <metal>[↑latão] como um agulheiro, outro como um dedal, o *si<g>no-saimão* aberto em placa de chumbo. Disia ella que os canudos continham ossos das <sup>3</sup>sanctas <sup>1</sup>sete <sup>2</sup>irmans naturaes de Basto, de S. Cucufate de Braga, de S. Pascazio, bracharense tambem<.>/\ <Não se confunda este ultimo com outro S. Pascazio, conego regrante em S. Cruz de Coimbra> e de S. Rozendo, do Porto, [↑cid<sup>e</sup>] que ainda não deu outro sancto, nem promette. E[1 ,] exhibidas as reliquias, acrescentou:

– Preciso ficar so[↑sinha] com a doente, e *vm<sup>ce</sup>* [1 vossemecê] em quanto eu la estiver não me corte o ar; <*vm<sup>ce</sup>*> intende [1 entende]?

– Olhe que eu não sei o que *vm<sup>ce</sup>* [1 vossemecê] diz, santinha, la d’isso de cortar o ar, salvo seja.

– Não abra a porta do quarto em qu<e>/anto\ [1 em que] <ell> a <infeitiçada>[↑tolhida] estiver comigo, <é o q̃ é.>[↑ percebe agora?]

– Ah! [↑ quanté] isso, vá descançada. Feche-se por dentro no sobrado, q̃ ninguem la vai. Venha d’ahi com Deus.

E, encaminhando a supposta benzedeira ao sobrado alto em que estava a filha, entrou com ella e disse a Josefa:

– Aqui te trago a saude, rapariga! Mal haja quem te metteu no corpo o feitiço! Tantos deabos o levem <como>...

[30] – Credo! credo! – atalhou a benzedeira – Vá *vm<sup>ce</sup>* [1 vossemecê] rezar sete salve-rainhas, e não falle no berzabum. Nada de chamar quem está quêdo.

\*

Fechada com Josefa, Rozaria escutou á fechadura os passos da outra que descia; e, abeirando-se á doente assustada pela inopinada visita, disse-lhe com o maior e mais desbeato desempenho:

– Eu venho aqui com um recado do fidalgo [↑novo] de Cima-de-Villa.

– Elle onde está? – exclamou Josefa <uffocada>[↑em ancias] de alegria.

– O snr. Antoninho está prezo em Lisboa.

– Ai! meu Deus! prezo!

– Não <faça bulha>[↑barregue], falle baixo, que se nos ouvem, la vai tudo c’os diabos [1 co’a breca]. Eu lhe conto, <me> Josefinha. O fidalgo escreveu de Lisboa ao filho do meu amo, que é o snr. sargento-mor da Temporan, a dizer-lhe q̃ o pai o mettêra <no Li> em ferros d’el-rei por q̃ elle não quizera cazar com uma menina de la, e diz q̃ o não tira da cadeia em q<sup>10</sup> elle <disser>[↑teimar] q̃ não caza. Olhe q̃ deabo de homem, Deus me perdôe! E vae ao depois, o snr. Antoninho escreveu ao meu patrão novo a contar-lhe isto e aquillo e aqueloutro, pr’aqui, pr’acolá, e escreveu-lhe então a dizer-lhe que a snr.<sup>a</sup> Josefinha estava nesse estado, e [↑coisas e] tal, como o outro q̃ diz, que em bom pano cae uma nodoa. E vae depois o meu amo foi onde a mim, e contou-me réz véz tudo, e até me leu a carta, que as bagadas me cahiam quatro a quatro por esta cara abaixo <1 -> (e alimpava a cara enchuta ao avental). Ó filha, as mulheres nasce[31]ram para os trabalhos! Não chore, creatura, que eu vou <1 ja> dizer-lhe [↑ao] que venho <O meu patr> e *vm<sup>ce</sup>* [1 vossemecê] vai <alegrar-se>[↑ficar alegre [como uma levandisca]]. O meu patrão mandou-me chamar, leu-me a carta, e disse-me que viesse eu fallar com *vm<sup>ce</sup>* [1 vossemecê][1 ,] <fosse como fosse>[↑custasse o q̃ custasse], e lhe dissesse que fugisse quanto antes de caza e fosse ter á quinta do Enxertado, q̃ é do snr. Antoninho, e la seria recolhida pelo feitor até elle vir de Lisboa. Ora aqui tem.

– Pois sim – exclamou <jubil> Josefa com exultação [↑e profundam<sup>te</sup> abalada][1 ,] – Eu fujo ámanhan, por que tenho mêdo que m<sup>a</sup> mãe me mate, se desconfia. O peor é

que eu não sei o caminho para o Enxertado.

– Não tem que saber...

E explicou-lhe o <caminho>[↑trilho] ã devia seguir passadas as poldras do Tamega; mas, para se não enganar, disse que mandaria o rapaz das cabras esperal-a na encruzilhada [↑do Matto], ao pe da caixa das alminhas, e não <dissesse>[↑descobrisse] ella q<sup>m</sup> era ao rapaz; [1 ,] [1 e] ã lhe dissesse somente: «anda lá».

Rozaria <compoz>[↑embiocou] o rosto [↑no lenço], enfiou as camandulas no pulso esquerdo, e desceu as escadas. Maria [↑da Lage] sahiu-lhe da porta da cozinha com a bocca aberta e cheia de interrogaçoens:

– Então?

– É o que eu lhe disia, creatura – respondeu Rozaria[1 .] – Pegou-lhe deveras; mas <hade levar esse corpo> <quando Deus hade sahir>[↑ tem cura][.] <o deab> <§ – <O deabo> Então vm<sup>ce</sup> requereu-a? e ella <que> disse quem lh> Vá vê-a que ja [não] parece <outra. <Ate j> Ja tem cor> a mesma; tem outro duairo na cara, está com uma pelle de rosto que parece uma roza, benza-a Deus!

– Pois ella sanzinha e escorreita é como não ha muitas; e então virtude? isso é que [32] <não>[↑nenhuma, nem] na <ha> mais pintada! As outras por ahi na freguezia todas tem rapazes que lhe rentam, e algumas... sabe Deus o que ellas fazem. Calla-te bocca! (e, estendendo os beiços, esbofeteava-os). A minha Josefa nunca tolejou tanto como isto. Andaram ahi atraz d'ella os fidalgos de Agunchos, <e>[↑a mais] os filhos do snr. capitão-mor, Deus lhe falle n'alma[1 .] que é um ã dizem que anda a penar na Agra; vm<sup>ce</sup> [1 vossemecê] hade ter ouvido dizer...

– Sim, sim, Deus o despene!

– Pois é verd<sup>e</sup>, e a rapariga teve bons cazam<sup>tos</sup> fallados, e la quem na tirasse das suas devoçoens, [↑de ir lavar ao rio,] e de guardar as ovêlhas era matarem-na. Pois olhe que esses feitiços são envejas [1 invejas] das desavergonhadas que não podiam levar á paciencia a virtude da m<sup>a</sup> Josefa. Havia de ser a [↑brejeira da] Roza da Fonte e aquella tinhosa da Bernarda d<a>/o\ Manel-Zé! Calla-te, bocca! Em fim, vm<sup>ce</sup> [1 vossemecê] agora hade mastigar um bocado de prezunto p<sup>a</sup> beber uma pinga<.>[do velho.]

– Deus lh'ó acrescente, snr.<sup>a</sup> Maria; eu jejuo para ganhar o jubileu <e so como ao meio dia <duas>[↑ umas] migalhas de pão <em>[↑ no] caldo. § – Bem se vê que vm<sup>ce</sup>>. Vou-me indo que são horas. Adeusinho, se for preciso ã eu ca torne, não tem m<sup>s</sup> que mandar-m'ó dizer.

Maria galgou as escadas, e foi topar a filha sentada na cama a desengrenhar os seus loiros e vastos [1 bastos] cabellos com uns meneios largos de braços e um atirar de tranças para traz que parecia uma alegre <noiva>[↑amante] a pentear-se para ver passar o <amado> noivo amantissimo.

– Ora ainda bem! – exclamou a risonha velha [1 velhota]. – Foi <Deus>[↑o meu p<sup>e</sup> S<sup>to</sup> [1 Santo] Ant<sup>o</sup>] ã trouxe cá a sancta da [33] mulher! Vais-te <por>[↑prantar] a pé, rapariga? Ha cinco semanas, fal-as ámanhan, que não sais desse ninho! Queres tu comer? Vou-te buscar uma tigella de caldo, <e> uma posta de <toicinho>[↑presunto] e um pichel de vinho. Bebe-lhe, <rapariga>[↑<m>/c\achopa]<!>/\ e mal hajam as <patifas>[↑invejosas] que te fizeram a mandinga. Hãode roêl-a! Sabes quem foi?

– Quem foi o que, snr<sup>a</sup> [1 senhora] mãe?

– Quem te fez o feitiço? <foi> ninguem foi senão a Bernarda do Manel-Zé que te veio aqui pedir um dia, lembrás-te? <1 ,> <a>/o\ <tua>/teu\ <saia de folhos>[↑ <roupinhas> jaqué] amarell<a>/o\ com botões azues. Foi pr'a [1 para] te fazer o feitiço no jaqué.

– Ágora foi, coitada da pobre rapariga, que é tão boa! – contradisse Josefa.

– Então quem foi? – interpellou a mãe com azedume – quem <te>/foi\?

- Eu sei lá, snr<sup>a</sup> [1 senhora] mãe! quem foi o quê?
- A mulher que aqui esteve contigo não te disse que era feitiçaria o teu mal?

Josefa, caindo em si, respondeu balbuciante:

- Ah! sim, isso disse ela, mas...

– Mas quê? <Quem te havia de fazer isso se não> Não foi outra se não aquella tysica que não quer que haja outra mais bonita na freguezia. Pões-te a pe ou não?

Josefa<1 ,> <sus> com o pente na mão <quieta>[↑direita descahida e inerte], e a cabeça encostada á mão esquerda, sentia-se [↑como] cançada, esvahida de alento, e esmorecida como se o subito <choque>[↑ incendio] de felicidade fosse um lampejo de estopas que <ardem> se inflammam e nem faulas [1 faulhas] deixam. É que ella nesse momento sentira uma dor physica, desconhecida, não forte, mas <fremen> acompanhada de um calefrio. A mãe, vendo-a mudar de cor, attribuiu o desmaio a fraqueza, e [34] correu a trazer-lhe uma farta malga de caldo com [1 fumegando por entre] uma <pinha>[↑floresta] de couves <lardeada>[↑recheadas] de feijoens vermelhos. Quando entrou no quarto, viu a filha fora da cama, <enfiando>[↑vestindo] as saias com agitação febril, e chamando Jesus, com os dentes cerrados.

- Que tens tu, mulher? – exclamou a mãe.

– Estou afflicta, mt<sup>o</sup> afflicta! Jesus, valei-me! – <respondia>[↑disia] Josefa entre gemidos, sentando-se, erguendo-se, e fasendo até uns gestos deante da mãe como se quizesse ajoelhar-se-lhe com as mãos erguidas.

– Que tens, mulher? – bradava a mãe, <en>/se\guindo-a espavorida n’aquelles tregeitos phreneticos[1 .] – Doi-te alguma cousa?

– Tenho <muitas>[↑uma] dor<es> muit<as>/o\ <muitas...>[↑ grande... mt<sup>o</sup> grande...]

E, como levasse as mãos aos quadris <com> no impeto da dor aguda, a mãe quedou-se como estupefacta a olhar para ella[.] <; e> <n’>/N’\este instante <co> <abriu>[↑fez]-se-lhe <a>[↑luz na] alma <ao> a um clarão infernal. <Recordou-se por>[↑Aquelles gritos e contursões recordaram-lhe] que havia sido mãe; viu, <as formas> como nunca vira, os signaes exteriores do crime nem sonhado; os modos supplicantes da filha confessavam o crime.

Fez-se uma <trans> desfiguração [↑improvisa e] medonha nas feições de Maria da Lage, quando, crescendo para a filha, com as mãos fincadas nas fontes, bramiu:

- Tu [↑q̃ tens? tu] que fizeste, amaldiçoada?

Josefa ajoelhou-se, com as mãos no rosto lavado em lagrimas, e murmurou:

- Deixe-me chorar, [↑m<sup>a</sup> mãe,] que eu á noite vou-me embora.

– Vais-te embora, malvada? Então p’ra onde vais tu? <que é o> Morta te veja eu antes de á noite! <gra> P’ra onde queres tu ir? Quem foi q̃ te botou a perder? Respondes, desaver[35]gonhada [1 mulher perdida]? Olha que se me gritas de modo que alguém ouça [1 oiça], dou-te com o olho de uma enxada na cabeça! Pois tu! pois tu! ... Ai! que eu indoudeço [1 indoideço]! ai que eu indoideço!...

E, com as mãos na cabeça, partiu a fugir escada abaixo, e foi sumir-se n<a>/o\ palheiro, dando gritos com a cabeça mettida no feno para os abafar.

Entretanto, João da Lage, entrando á cozinha para jantar e não vendo ninguem, foi bater á porta da filha.

– Que é de tua mãe, rapariga? – perguntou de fora, por que a lingua da chave estava corrida.

- Não está aqui, <mei>[↑ snr] pai.

– Hoje não se come[?] <nesta caza?><1[↑Arre.]> Ca vou ver o que está na panella; qd<sup>o</sup> ella vier, diz-lhe que eu ca m’arrangei.

E, de feito, extrahindo d<a>/o\ pote um naco de toicinho [↑com] que fez uma

enorme [↑e pingue] sandwich <de broa, foi> entre duas talhadas de broa, foi para a adega, sentou-se ao pé d<o>/a\ <tonel>[↑cuba], e murmurou: «Aguenta-te João, que tua mãe não faz outro.»

Este homem tinha em si algum[as] <espírito>[↑faiscas do genio de Diogenes], um todonada do [1 tudonada de] espírito de Epicuro, e o mais era espírito de vinho. Viveu assim largos annos, reformando-se sempre para peor, e morreu [↑aos 80 <annos>], como la dizem, <[↑ \*o]> coberto de musgo, que era o sarro [↑interior] que lhe porejava na casca. [Com alguma sentimentalid<sup>de</sup> no coração<1 ,> e frugalid<sup>de</sup> no estomago, morreria na flor dos annos.]

\*

<O leitor conheça os cazos da obs>

Com toda a certeza, Maria da Lage soffrêra <a> punhalada que rasga profundas fibras <no>[↑em] peit<o>/os\ [↑de mães] honrad<os>/as\. Era dura de condição, tinha o orgulho [↑selvagem] da honra, comprehendia barbaramente [36] o dever da mulher, e julgava-se com direito a murmurar de todas as frágeis, sem discriminar as infelises. O seu <amor de>[↑odio ás] mãe[s] <não implicava> tolerantes com os desatinos das filhas era <sentido, sincero>[↑intranhado, convicto] e implacavel. <[↑ Quando imaginava em sua cas]> Da caridade christan so intendia o preceito da esmola. O<s padres>[↑confessor] não lhe ensinaram [1 ensinara] outra interpretação da terceira virtude theologal. Não perdoava cegueiras de amor por que não amára nunca. <Amava a filha p> Se imaginava <um desvar> que a filha podia desvairar [↑uma vez], <comprehendia tambem> sentia nas mãos as <sensações> crispaçoens nervosas de quem estrangula um pescoço. Como <tinha lin> era deslingoada e mordacissima nas fraquezas alheias, impunha tacitamente á filha o dever de a sustentar na sua soberba inexoravel. <Uma ligeira demão de verniz social faria d'esta <mulher das serras>[↑ serrana] <uma senhora> <creatura vulgar> <†>> Uma ligeira <demão>[↑ <tin> ↓ camada] de verniz social não sei o que faria desta mulher. Ainda um destes dias [↑contavam as gazetas de] uma illustre dama <franceza matara>[↑ parisiense q̄ matou] a ferro frio uma neta que <se envilecera em> conspurcara a sua raça em amores abjectos. Em tempos tenebrosos, os mosteiros [↑portuguezes] eram o dragão <a cujas fa> com os colmilhos abertos para <devorarem as filhas remessadas pelas mães> esta especie de victimas que os pais lhe atiravam: se o cubiculo claustral as não amordaçava, havia o tronco, a enxerga e a fome; depois a sepultura; mas o brazão limpo. Se ha inverosimilhança na crueldade das mães [↑como Maria da Lage] é la onde são raras as que podem ler ás filhas o livro da sua <1 [↑sancta]> vida [1 honesta][.] <e mostrar lhes o coração e a alcova>

Ao intardecer d'aquelle dia de agosto, a mãe de Josefa, segundo o marido contou ao vigario na cangosta do Estevão, foi levada em braços para a cama; <Ardia em febre e tartamudeava> e <áquella> n'aquelle lance, João, ouvindo dizer que [37] o pegureiro perdêra uma rez, deixou a mulher a escabujar no catre, e foi <a> interpellar o rapazinho, <exigindo>[↑reclamando]-lhe a cabra ou os figados.

Ao mesmo tempo, Josefa <dava>[↑era] mais um dos innumeraveis exemplos da força prodigiosa da mãe, quando [↑a soledade e] o desamparo a obrigam a <valer>[↑soccorrer]-se de si mesma. Ninguem lhe ouviu os ultimos gritos d'ella nem os primeiros vagidos da creança. Quem ler[, ↑em] um tratado de obstetricia, <os>/as\ <compre> <preceitos>[↑regras], conselhos <,>/e\ desvelos que a sciencia agrupou á volta de uma puérpara, e souber da inutilidade da arte e dos preceitos, qd<sup>o</sup> o infortunio ou o acaso <reduzem> <privam>[↑interceptam] <d>o menor auxilio <a>/á\ mãe,

<ci>/ni\velando-a [↑nesse lance] ás especies irracionais, <para assim testemunharem>[↑convença-se de] que a mulher <primitiva>[↑do periodo quaternario (vou assim longe p<sup>r</sup> que na Biblia <1 (Exodo) [↑ já]> se conhecem de nome as parteiras Seffora e Fua)] não carecia de mais assistencia q̃ a loba das cavernas, e[1. E] [↑observa tambem] que os <melindres e demasias>[↑encarecimentos[1 ,] e demasias] da <sciencia> arte a infraqueceram [1 enfraqueceram] e melindraram, <usurpando-a aos <\*ef> cuida> [↑privando-a da confiança pessoal<,>/e\ [1 ,] da consciencia da força propria <\*e>] [1 e de algum modo] estorvando <1 [↑ assim]> a[s] influencia[s] directa[s] da natureza.

Josefa, quando descia de manso a escada do seu quarto, amparando-se á parede, trazia debaixo do braço um berço com o filho: era o [↑m<sup>mo</sup>] berço em que a mãe a creara, uma canastrinha de vêrga <tecida tanto a primor>[↑ urdida tão densa] e solidamente, [↑ [1 e] com o fundo fasquiado de madeira tão impermeavel,] que poderia estancar a agua sem <a rever>[↓transudar]. Um<a> sai<a>/ote\ de baeta dobrado envolvia a creança, deitada sobre a velha enxerga de <moimho>[↑ serradura].

A mãe era robusta; sentia-se esvahida, mas contava consigo, se tomasse algum alimento. Na cozinha não estava ninguem, quando ella atravessou <para sahir ao>[↑passando [1 de passagem] p<sup>a</sup> o] quinteiro. Olhou para a lareira a ver se acharia um pouco de caldo. Não o queria para si; era para o converter no leite da sua filha. Pousou o berço no escano; ia levantar o têsto do pucaro; mas neste instante [38] ouviu os <gritos>[↑brados] da mãe, cuj<o>/a\ <quarto>[↑cama] era <contiguo da tulha>[↑na tulha], no mesmo plano da cozinha. <Assu> Estremeceu, cuidando que <era>[↑fosse] apanhada; pegou d<o>/a\ <berço>[↑creança], e fugiu, lançando a saia de pano azul pela cabeça, e <estreitando>[↑apertando] o berço contra o peito.

<Se eu encont> <Eu s> <A unica pessoa que a viu foi a Brites do Eirô> O seu destino era <a>/o\ <quinta do Enxertado.>[↑abrigo q̃ o pai de sua filha lhe dava [1 dera]]. Da parte d'alem-Tamega, logo á ourela do rio, pediria que <lhe ensinassem a>[↑ a fossem guiar no máo caminho da grande] legua que a distanciava da quinta do Enxertado. Lembrou-se d<o>/e\ [↑ José da Monica, o] <rapazinho> pastorinho q̃ lhe era m<sup>o</sup> affeioado; mas, ao <perpassar n'um quinchoso que corria> atravessar o quinteiro, ouviu a voz do pai a praguejar contra o rapaz, que perdêra a cabra. A Brites do Eirô reconheceu-a <\*co>/a\ saltar para o campo da Lagôa; o pescador da chumbeira ouviu-a chorar na Cangosta do Estevão, quando amamentava a creança, e lhe parecia que a filha, não achava [1 achando] leite e [1,] se <enregelav> lhe <estendia>[↑estirava] hirta nos braços como morta. Atormentavam-na dores <que parec> outra vez, e sentia-se torvada, desfallecida e sem forças para <atravessar>[↑transpor] as poldras que <eram no her> não estavam perto. Havia de atravessar o hervaçal que o moleiro e o pastor precorreram um quarto de hora depois. Quando ouviu vozes, ao longe, no alto da cangosta [1 barroca], ergueu-se cambaleando, saltou <o>/a\ <portêlo>[↑valla], invocando o auxilio da[s] alma[s] <da sua <†> madrinha, uma boa mulh> bemditas. [↑Era o Luiz moleiro que vinha descendo com o rapaz.] <Quando>[Ao] avist<ou>/ar\ as poldras que alvejavam poídas e resvaladiças <fora d> ao lume d'agua, teve vertigens, e disse entre si: «Eu vou morrer». Poz o berço á cabeça, <fez uma oração,>[↑<encomendou-se a> esfregou os olhos turvos de <me>/pa\vor,] e esperou que as pancadas do coração socegassem. [↑Depois, benzendo-se,] <P>/p\izou com firmeza as quatro primeiras pedras; mas d'ahi em diante ia como cega; [↑a corrente parecia-lhe caudal e negra.] <q>/Q\uiz sentar-se em uma das poldras; e, na precipitação com que o fez para não cahir, resvalou [1 escorregou] ao rio[.] <que> A agua era pouca, e a queda de nenhum [39] perigo; mas o berço cahiu na [↑veia da] corrente, que era bastante [↑forte] para o derivar. Quando ella estendeu o braço ja o não alcançou. Arremessou-se então ao rio;

mas os altos choupos da margem, encobrendo <o>/a\ <pequeno luar>[↑baça claridd<sup>e</sup> das estrellas], escureceram o berço. Neste lance, perdido o tino, a desgraçada <avançou <na direcção> em direcção> cortou de travez para a margem, onde um<a clareira>[↑claro] de areia se lhe afigurou o berço. Quando ahi chegou, cahiu; e, na queda, agarrou-se ao esgalho do salgueiro em que o pastor e [1 o] Luiz moleiro a encontraram moribunda.

Sabem os successos posteriores, desde que ella expirou nos braços do veterano ate que o escrivão do juiz ordinario nos deu o exemplo da dissecção d'aquelle cadaver[.] <mortificado por agonias> Viram que Maria da Lage, rompendo sosinha pelo escuro da noute [1 noite], qd<sup>o</sup> ouviu dizer que a filha se afogára, foi mãe n'aquella ja tardia explosão de angustia e amor. O remorso pôde mais com ella que a selvageria da sua virtude; <Viveu poucos mezes>[↑mas ainda viveu seis anos com revezes de demencia,] e morreu em casa dos seus <par> irmãos <em Cerigo de Barroso>[↑em St<sup>a</sup> [1 Santa] Maria de Covas de Barroso], repellindo o marido desde que lhe ouvira dizer: «A rapariga faz-me falta por que não tenho quem me governe a caza».

\*

Antonio de Queiroz soube no Limoeiro[1 ,] por carta do seu amigo da Temporan, que Josefa de St<sup>o</sup> [1 Santo] Aleixo se suicidára no m<sup>mo</sup> dia em que elle conseguira enviar-lhe o <recado>[↑ aviso] para a fuga. O informador, <acrescentava> espantado do successo, attribuia a [1 á] demencia subita [1 repentina] a resolução da infeliz que ainda na manhan d'esse dia se mostrára contentissima com a <esperança> deliberação da [40] fugida para a qt<sup>a</sup> do Enxertado.

O vigario de St<sup>a</sup> [1 Santa] Marinha tambem avisou Christovão de Queiroz do suicidio da rapariga. O fidalgo <intendeu-se>[↑conferenciou] com a regencia, e o intendente geral da policia mandou passar alvará de soltura ao cadête de cavallaria.

– Vamos para a provincia, se não quer casar – disse Christovão ao filho.

– Nem cazo nem vou para a provincia, meu pai – respondeu Ant<sup>o</sup> de Queiroz.

– Tornará para o Limoeiro.

– Irei ja em quanto la tenho a minha bagagem.

– Para onde quer ir?

– Para o Rio de Janeiro: seguirei la a vida militar.

– Sabe que é o successor dos meus vinculos?

– Disponha V. S.<sup>a</sup> [1 v. s.<sup>a</sup>] d'elles se quer<1 ,> e se pode, e dê-me [1; a mim me bastariam] a felicidade, a mocid<sup>e</sup> e a alegria que me matou.

– Com quem cuida vossê que falla? – interpelou o fidalgo com Bernardo del Carpio ás cavalleiras que lhe <espicassava as ilhar> esporeava as ilhargas com o direito de avô. <1 §>

Afuzilavam-lhe os olhos, como ao seu antepassado quando matou o rei dos Longobardos [1 longobardos] em Itália.

– Com quem cuida você q̃ falla? – repetiu o <tremulo> convulso velho.

– Com V. S.<sup>a</sup> [1 v. s.<sup>a</sup>], um homem que eu sinceramente temo, por que tem a m<sup>a</sup> liberd<sup>e</sup> e o Limoeiro á sua disposição.

– Não é meu filho! Vá para o Brasil, vá para onde quiser. Sua mãe teve cinco mil cruzados de dote. [1 D'essa sei eu que vossê é filho.] Recebel-os-ha hoje, e ámanhan parta [1 partirá]!

<Dois exemplos de>

Fim da primeira parte.

SEGUNDA PARTE<sup>13</sup>

Francisco Bragadas, <o pescador>[↑aquelle pescador] [1 o timorato] de chumbeira, despedindo-se do moleiro, com certas apreensões agorentas, teria dado trinta passos <ao lon> rio abaixo com a <ch> rêde já enrolada, quando ouviu <na enseada da corrente> <entre uns teixos n'uma>[↑ n'um [1 no] recanto escuro ou] angrazinha da corrente, [↑q̃ espraiava p<sup>a</sup> dentro de um algar,] o chôr<ar>/o\ abafado de uma criança. <Gelou-se>[↑Á primeira, esfriou] de medo; mas esperou a reacção do bom senso. Pé ante pé[1 ,] acercou-se do ponto escuro [1 lugar sombrio] d'onde vinha a toada incessante d<o>[↑'aquelle] rispido chorar[.] <de creança>. Elle, [q̃] era pai de muitos pequeni<n>/t\os, <e> não podia confundir os vagidos de um menino com os guinchos das [↑desdentadas] bruxas, as quaes[1 ,] p<sup>r</sup> via de regra costumam <dar>[↑vibrar] [1 cacarejar] casquinadas de riso quando lavam nas [↑claras] aguas <limpidas dos rios>[↑dos ribeiros] [1 das ribeiras] <as suas>/os seus\ <porcas pessoas>[↑ indecentes <carcassas>[↑ arcaboços.]]

Estendendo a mão, <topou o <berço>[↑vulto] engastado nas ramas de um amieiro <em que prendiam as boias de um pardelho> curvadas pelo pezo de uma rede cuja boias trapejavam nos flancos da> tocou na face <fe> tepida da criança. O berço <engastara-se>[↑quedara-se enleiado] na ramagem de um salgueiro <curvado>[↑vergado] pelo pezo de uma rêde<1 ,> ou pardêlho, como la dizem, que [↑d'ali, atad<a>/o\ n'elle,] atravessava para a margem da Insua, [↑– um bosque de choupos assim chamado.] As boias <agitadas><[↑ †]><[↑com propried<sup>c</sup>]>[↓arfadas] pela corrente chofravam nos flancos do berço[.] <que era pan> Francisco Bragadas exclamou levantando a canastr<a>/i\ nha<,>:

– Oh! pobre menino! atiraram-te ao rio! Ainda eu mais verei n'este mundo! – E, apalpando-lhe o corpo por debaixo do saiote, disse maravilhado: – E nem se quer está humido! isto é milagre!

Como a chumbeira lhe pezava, escondeu-a em uma lura d<a>/o\ <ribanceira>[↑vallado], e deitou a correr para <a quinta que agricultava>[↑caza], com o berço de baixo do braço.

A mulher d<o>/e\ Bernardo<sup>14</sup>, sentada á porta da cozinha, embalava uma filha com o pe, e[m] [↑q<sup>10</sup>] ama[42]mentava <outro.>[↑<o>/a\ mais nova.]

– Ca tens mais um, mulher! – disse ele, qd<sup>o</sup> a avistou.

– Um quê, homem?

– Um creanço que <1 eu> pesquei no rio.

– Tu estás tôlo, Bernardo?

– Aqui o tens tal qual o topei <atravessado>[↑engasgaldado] n'um amieiro, berço<1 ,> e tudo. Olha q̃ desgraça, ó Izabel!

A mulher benzia-se; foi buscar a candeia; convenceu-se que era uma criança viva, poz as mãos, olhou para <as estrellas>[↑o ceo] com profunda <d>/m\agua, e exclamou:

– Ó homem, o mundo está a acabar<-se>!

– Dá-lhe <de> o peito q<sup>10</sup> antes, se não o mundo acaba-se para elle. <Ahi>/Aqui\ t'ó deixo, que eu vou contar aos fidalgos este cazo.

– Ai! – exclamou ella examinando a creança – é uma menina, e <[↑ - que]>

<sup>13</sup> Ao alto: Novellas do Minho / Maria Moysés / VIII / Segunda parte

<sup>14</sup> Erro autoral, que se repete abaixo pelo menos mais duas vezes, e permaneceu indetectado na 1.<sup>a</sup> ed.: o caseiro chama-se Francisco e não Bernardo.

ainda [↑não] tem [↑cortada] a *invide!*

Queria dizer que ainda não <tinha>[↑estava] ligado o cordão umbilical. Izabel <que era a mulher forte e> <foi buscar> tinha a sciencia pratica [1 de mãe] de onze filhos, <quase> todos nascidos <nos braços do marido> sem mais <testemunh<a>/o\ nem auxi> auxilio que o do seu homem e o da sua <quase indiferença><[↑tranquilidade]>[↑serena coragem] n'aquelle acto. Confessava-se na véspera, commungava de madrugada, e depois com o maior socego d'alma e <resignada> mt<sup>a</sup> conformid<sup>o</sup> com as dores, matava uma galinha, e disia ao marido:

– Vamos a isto, Bernardo.

<E á filha mais velha disia: § - E> Depois, la prestava os cuidados á creança, ella m<sup>ma</sup> a lavava, não na queria enfaixada; <punha>[↑dava]-lhe <os>[↑aos] braços toda a liberd<sup>c</sup>, [↑<e> todo o alento aos pulmoens]. [<sup>15</sup> [42v] Era como as mulheres de Israel, de quem as parteiras egypciacas disiam ao pharaó [1 Pharaó]: «As mulheres dos hebreus não são como as dos egypcios: porq̄ ellas mesmas se sabem partejar, e, antes de nós chegarmos, párem» (*Biblia, Exodo*, cap. 1.º, v. 19).] E, dois dias depois, mandava o homem para a lavoira [1 lavoura], e ella ia para a labutação da cozinha, dos sevados, da maceira, com umas cores rosadas que parecia uma noiva na vespera de ser esposa.

[43] O cazeiro atravessou um campo de hortas e pomar<es> [1 pomares] na extrema do qual estava a caza nobre, onde os fidalgos de <Manseos>[↑St<sup>a</sup> [1 Santa] Eulalia] costumavam passar o estio para se banharem no Tamega.

Esta familia era do Arco de Baulhe, gente nobre e antiga. Duas senhoras <idosas>[↑d'outros [1 de outros] tempos] com seu irmão desembargador aposentado, homem erudito em historia patria, <e não hospede no grego>[↑sabendo de cor a *Monarquia* de Brito]. Estava hospede na caza <u>/o\ conego de <b>/B\raga João Correia Botelho, ainda frescal, <serio>[↑grave], fallava mt<sup>o</sup> no Pentateuco, e asseverava que o primeiro [↑e m<sup>s</sup> veridico] historiador do genero humano fora Mo<i>/y\ses – asserto que ninguem lhe contestava<.></,\>/. \> [nem sequer se em tempo de Moysés os israelitas possuiam o alphabet]> D. [↑Maria] Tiburcia e D. <Feliciana Valladares>[↑M<sup>a</sup> Filippa] eram solteiras. <Estavam na>[↑<Iam>[↑Passavam] <n>/d\os cincoenta, -] idade em que o sexo principia a descaracterizar-se[,] [↑periodo equivoco em q̄] <e> a mulher, se não tem filhos que <a gratifiquem, chega a inspirar receios que> lhe <assi> affirmem uma serventia retrospectiva, <perde toda a individualid> <chega a> parece que foi sempre assim, uma coisa [1 cousa] <seria>[↑melancolica, embalsamada, e] prêza <ao vo> á busca sueca pelo espirito e á caixa do esturrinho de 1813 pelo nariz.

Haviam sido feias de modo e feitio pouco vulgar, mas mt<sup>o</sup> honestas, posto que não antipatisassem com Cupido. Gostavam de alguns sujeitos que fingiram ignorar o sentimt<sup>o</sup> involuntario q̄ accendiam. Elas tinham fogo latente no peito; mas, por cauza da má cara q̄ possuiam, tornaram sagrado aquelle fogo de q̄ ellas mesmas eram as vestaes. Para estas senhoras não tinham significação estas palavras do padre M<sup>el</sup> Bernardes: «Mui ingremes e costa arriba são as veredas da castidade!» Eram castas estas duas irmans como as melancias são frescas e os tremoços semsaboroens: – era o seu feitio e a sua natureza[.] <formaliter et substancialiter> Na <sua> folha de inventario <tinha>[↑cabia a] cada uma dez mil [44] cruzados; porém nunca exigiram quantia notavel de seu irmão, <morgad> senhor de grandes prazos, o doutor Theotonio de Valladares, que tambem era solteiro, mas não tão [1 menos] casto que as manas. E era isso não pequeno desgosto para ellas. O mano doutor tinha servido logares da magistratura, desde juiz de fora até corregedor, em varias comarcas, e por todas ellas deixára prole illegitima. Umas filhas eram freiras franciscanas, [↑outras eram mães;]

---

<sup>15</sup> O segmento aqui acrescentado está na página de verso, 42v, para onde remete a nota inserida neste lugar, dirigida ao tipógrafo: (Veja e siga no verso).

alguns filhos seguiam as letras, outros as armas: tinha filhos para todos os officios e artes. Era o D. Sancho *povoador* de seis comarcas, mas povoador de sua lavra, moto-proprio e propagação pessoal.

[1\*]

Quando o cazeiro[1,] a botar [1 deitar] os bofes pela bocca[1,] appareceu a dar noticia do achado da creança no Tamega, estavam as senhoras e mais o conego e o irmão a jogar [1 jogar] a sueca. Largaram as cartas a um tempo. O cónego <poz>[↑ergueu] os oculos de tartaruga para a testa, e exclamou:

– Parece um cazo biblico!

– Ha factos analogos na historia da Lusitania – observou o desembargador, recordando-se.

Em quanto os dois pilares da <gene> historia sagrada e profana porfiavam em erudição [1 erudições respectivas ao caso], D. Maria Tiburcia disse ao ouvido de D. Maria Filippa:

– Olha que isto é marosca, mana! ...

– Marosca?

– Sim. Deixemo'-nos de trêtas... A creança é filha do mano Theotonio.

– Credo! tu ã dizes, mana Tiburcia? O mano [1 doutor] não mandava atirar ao rio a creança. [1 ...]

– Isso sei eu; mas arranjava esta comedia com o cazeiro. O Bragadas vem ensaiado por elle, [45] e talvez pelo conego.

– Eu sei! – duvidou a outra. – O mano Theotonio não precisava de estar com essas [1 estas] indróminas... E quem hade ser a mãe?

– Faltam ellas por ahi...

– É necessario – interveio [1 disse] o conego Botelho – baptisar a creança ámanhan, que não vá ella morrer, ã é o mais natural. <P>/M\adrinha hade ser uma de vossas senhorias, minhas senhoras; padrinho hade ser o snr. desembargador.

– Promptamente! – annuiu o doutor Theotonio.

– <Então>[↑Vês?] não é elle o pai – disse [D] M<sup>a</sup> Filippa á irman a meia voz.

– Será elle o conego? – redarguiu D. M<sup>a</sup> Tibúrcia.

– Não sejas má língua! Olha <o velho>[↑quem]<,>!\ coitado do homem!...

– Então qual é madrinha? – perguntou o padre.

– Pode ser a mana Filippa – disse a outra.

– Serão vossas senhorias ambas, por que madrinhas tem logar de mães, ou mãesinhas, que é o diminutivo de *madres*, mães [1 mães]<,>!\ <matrecula d>

– *Matrecula*[1,] de *mater*, [1 –] acrescentou erudictamente [1 conspicuamente] o doutor.

– Isso – confirmou o conego, em qt<sup>o</sup> as duas irmans <se olhavam reciprocamente pasmadas> estavam a ver se percebiam o modo como eram mães por um figurado esforço de <t>/\a<n>/\inid<sup>e</sup>.

– E na qualidade de mães substitutas ã o sacramento lhes confere, visto ã a recém-nascida não tem mãe conhecida, tem de ficar a creancinha a cargo de seus padrinhos, pois que o Francisco Bragadas tem onze filhos... – acrescentou o conego.

– Serão doze – atalhou o agricultor –<1 ;> mas<1 ,> se <V. S<sup>as</sup>>[↑vossas senhorias] tomarem conta do engeitadinho [1 da engeitadinha], boa esmola lhe fazem.

[46] – Sim, Francisco – disse o desembargador – tomaremos conta da engeitada. Amanhan iremos a S. Salvador baptizal-a.

O cazeiro saíu alegre, a pensar que Deus lhe olharia pelos seus pequenos, em paga de elle acudir áquella criança que, depois de baptisada, se morresse, já teria azas ã a levantassem ate ao paraizo. Elle não era theologo, nem conhecia <a circuns> <o processo do> [1 o] limbo.

– Como hade ella chamar-se? – perguntou o conego.

– *Maria*, ja se vê – respondeu D. Tiburcia – A mana é *Maria*.

– Bem sei, m<sup>a</sup> senhora; mas hade acrescentar-se-lhe um sobrenome indicativo da circumstancia em que foi encontrada, n'um berço sobre o rio. M<sup>to</sup> bem sabe o snr. desembargador o que <diz> a Biblia refere. O impio Pharaó mandára matar as creanças do sexo masculino, dizendo: «Lançai no rio todo o que nascer macho, e não reserveis senão as femeas».

– Sim, conveio o desembargador, vai o conego contar-nos o cazo de Moysés.

– Justamente. Moysés foi achado no rio, e [1 vinha á flor da corrente] deitado n'um berço. Parecia-me[1, ] por tanto[1, ] que a menina se chamasse *Maria Moysés*, em commemoração de tão estranho successo.

– E por que não hade chamar-se *Maria Abidis*? – perguntou o <con> doutor.

– *Abidis*?! – disse o padre <recordando-se> forçando [1 invocando] a memoria – que é isso de *Abidis*?!

– /É\ um cazo semelhante da historia portugueza, snr. conego. Leia, leia o meu Bernardo de Brito. Não lhe tenho eu dito cem mil vezes que a nossa historia é um thesouro de ricos acontecimentos applicaveis philosophicamente a tudo quanto ha mais extraordinario?! Eu lhe [47] conto de memoria; e, se ella me falhar, irei buscar o tomo 1º [1 I] da *Monarquia Lusitana* ã é livro ã nunca me larga. <G> – E tomando do esturrinho de D. Tiburcia, continuou com emphase: – Gorgoris, rei da Lusitania, no anno 2806 da creação do mundo, <teve uma> foi o inventor do mel.<sup>16</sup>

O conego sorriu-se.

– O snr. [1 senhor] ri-se? – acudiu o doutor.

– Eu cuidei que o inventor do mel houvesse sido o inventor das abelhas – <explicou>[↑disse] [1 explicou] o padre.

– Essa não me parece de homem que lê! Esse cazaco ã <voss> o snr. [1 senhor] tem vestido[1, ] quem o inventou? quem é que inventou os cazacos, pergunta a m<sup>a</sup> curiosid<sup>e</sup>?

– Eu não sei.<sup>17</sup>

– Se o <snr>[↑conego] quer que o inventor <das abelhas> do mel haja sido o inventor das abelhas, responda que o inventor dos cazacos foi o inventor dos carneiros<,>./\ <por qtº †> [1 que dão a lâ dos estôfos].

– Tem razão – conveio [↑ironicam<sup>e</sup>] o conego – Vamos á historia de Gorgoris.

– Que p<sup>f</sup> inventar o mel <q> se chamou o *Melicola*.

– *Meli* e *colo*: não o inventou, *cultivou-o*: são coisas diversas – reguingou o padre.

– Inventou, de *invenio* – *eu acho*. Achou-o.

– Ai! que fazem sono á gente com [↑a seca] [d]os latinorios<,>./\ [1 ... –] atalhou D. M<sup>a</sup> Filippa – Vá, mano, conte la a historia.

– É melhor – obtemperou o <Bote> hospede – Eu não <o> interrompo mais [↑seu mano], m<sup>as</sup> senhoras.

– Interrompa quanto quizer, que eu cá estou. O rei da Lusitania Gorgoris teve uma filha que se apaixonou por um homem de baixa extra[c]ção[.] <e houve> O que

---

<sup>16</sup> Um traço divide o fólio de lado a lado.

<sup>17</sup> Duas grandes cruces na entrelinha superior.

denunciou estes amores foi, diz Bernardo do Brito em uma palavra de cunho portuguez de lei, foi a «emprenhidão».

– Credo! que palavra! – exclamou com engulho [48] D. Maria Tiburcia.

– Não parece palavra de pessoa ecclesiastica! – notou a outra senhora não menos escandalisada.

O mano Theotonio, como tinha piscado o olho [↑direito] ao conego, ria-se; e o conego, com a maior gravid<sup>e</sup>, disse:

– Minhas senhoras, os antigos faziam as coisas e diziam-nas; hoje em dia a civilidade não permite dizel-as. <Vamos ao Gor> Ande la com a filha de Gorgoris, snr. desembargador.

– Deu ella á luz um menino, que o avô <atirou>[↑deitou] ás feras; e, como as feras o não comessem, atirou-o ao Tejo. Foi o menino encontrado no sitio que hoje chamam Santarem; e, como [1 quer que] uma corça lhe deu [1 desse] o primeiro leite, <foi>[↑chamou-se] o menino <chamado> *Abidis*, e d’ahi ve<j>/i\o chamar-se ao lugar *Esca Abis* (<sust> manjar de Abidis), e, <d’ahi>[↑*corrupto* [1 corrupto] <1 vocabulo>], *Scalabi*<us>/s\, etcaetera [1 etc].

– <Não intendo essas derivaçoens>[↑Tudo isso me parecem vocabulos corruptos e interpretaçoens corruptissimas,] – objectou o conego Botelho – e, ainda q̃ as intendesse, fabulas de Brito não me ingodam [1 engodam]. Esse frade <inventou>, se não inventou o mel como Gorgoris, inventou *Laimundus*, e *Mestre Menegaldo* e *Pedro Alladio*, que existiram tanto neste mundo como o <neto> tal Abidis. Em fim, snr. doutor Theotonio de Valladares, permitta-me que eu <im> repugne a que a engeitada tenha um sobrenome procurado na fabula.\*

\* O desembargador <calou-se>[↑intupiu] [1 entupiu]; mas eu não me calaria<, nem> ás rasoens do conego, nem ás de João Pedro Ribeiro, nem ás de Schoefer, nem ás dos snr<sup>es</sup>[1 .] A. Herculano, Hubner e Pinr<sup>o</sup> Chagas. Creio em Bernardo de Brito como [1 nos Lunarios Perpetuos e] nos discursos [1 Discursos] da coroa, desde que li na [49] *Monarch. Lusit.*, t. 1<sup>o</sup>, pag. *mihi* 109, estas linhas que são do meu frade [1 meu bernardo] e mestre, as quaes incerram um programma de leald<sup>e</sup> q̃ so pode c<a>/e\der á lizura do manifesto de um deputado /g\arraio: *O historiador que presume de verdadr<sup>o</sup> e quer authorid<sup>e</sup> em suas cousas, mais seguro lhe é ficar falto por escrupuloso que dizer m<sup>o</sup> com perigo do seu credito. É o mais que podia dizer [1 Hallan, Herder, Martinez Marina,] [↑Niebuhr] [1 ou] Thierry <1 ou Herculano>.*

\*

Quando os sinos de S. Salvador festejavam com trez repiques o baptisado de Maria Moysés, os sinos de S. Aleixo dobravam a finados. A creança <entrava na caza de St<sup>a</sup> Eulalia>[↑ <†> sahia da pia baptismal], quando [1 ao mesmo tempo que] <a>/o\ esquife da mãe, pôsto no lagêdo da igreja, entre quatro cirios, era responsado por alguns clerigos que <enrugava> franziam os narizes offendidos dos <†> miasmas da carne pôdre. A opinião dos padres e dos assistentes ao officio era que a suicida praticara aquelle crime por que devia ter chagas <p> de lepra que a corroiam. <O vigario era instado> O vigario consentia que a enterrassem em sagrado, por que a moribunda, segundo o testemunho do moleiro, pedira fervorosamt<sup>e</sup> a confissão.

Quando a fam<sup>a</sup> de St<sup>a</sup> [1 Santa] Eulalia ia caminho de caza com a afilhada, <vestida dos melhores capot> o conego, ouvindo <tan> alem-Tamega o tanger a finados, disse:

– Uns nascem e outros morrem... Não saberei eu dizer quaes são os mais felizes...

– Eu ca por mim antes queria nascer que morrer – disse D. Maria Tiburcia com a inergia explosiva d<a>/o\s <coisas>[↑dizeres] sentencios<as>/os\ e <argutos>[↑ finos].

[50] <Com estes e outros ditos entretiveram a meia le> Conversaram a respeito da engeitada, ate toparem um homem de Sancto Aleixo a quem perguntaram quem la morrera. Contou elle que se botára [1 deitara] ao rio a filha do João da Lage.

– A Josefa? – perguntou [↑Isabel,] a mulher do Barradas<sup>18</sup> que levava a menina – Você que me diz, homem? A Josefa, que era a virtude em carne e osso! e então bonita, fidalgas? Faz pr’a <coresma>[↑ semana] [↑ sancta] dous [1 dois] annos q̄ ella foi de Madanela na procissão do enterro. Ai, senhoras, que eu não quero q̄ haja mais lindo anjo no [1 do] ceo!

– Por que se matou ella? – perguntou o desembargador.

– Saberá vossa senhoria que até esta manhan não se dizia nada ao certo. Uns diziam que ella não podia aturar o pai que, com licença de V. S<sup>as</sup> [1 v. s.<sup>as</sup>], é um bebado.

– <Obrigado!>[↑Eu dou licença] – disse o conego [↑rindo]. <O snr desembargador dá licença que o tal João seja>

– Outros – porseguiu [1 proseguiu] o informador – dizem que lhe subira o flato ao miolo; mas o q̄ por la corria agora é que ella... Em fim, morreu, acabou-se... Deus la sabe.

– Mas q̄ é que dizem – instou o doutor.

– Em fim, vossa senhoria [1 v. s.<sup>a</sup>] manda... O que dizem é que ahi pelo verão ia por la um fidalgo... o snr. Antoninho de Cimo-de-Villa...

– Não queremos saber d’isso... Miserias, miserias... Vamos embora... – atalhou D. Maria Tiburcia.

– E <d>/a\bandonou-a? – perguntou o conego.

– Nada; o que dizem é que o fidalgo velho metheu, á conta d’ella, o filho no Limoeiro, e ella então, isto é o que dizem, atirou-se ao rio. Eu digo o que ouvi, que eu não sei nada... Sim, eu<1 ,> não sei se isto que dizem, [51] se assim é n<ão>/em\ se não é. Deus la sabe.

O desembargador foi discorrendo á cerca da corrupção dos costumes, que attribuiu a Voltaire, a Rousseau e a Helvetius, posto q̄ nunca os lesse – [1 .] o que elle confessava com honrada jactancia. Deu como prova de corrupção das aldeias um suicidio e uma tentativa de infanticidio [↑no m<sup>mo</sup> dia e] <n’uma aria>[↑ na aria] de <meia legua pequena> um quarto de legua. Fez ao proposito reflexões politicas e ate propheticas. Previu <a>/o\ advento monstruoso das ideas jacobinas. Disse que, [↑na qualid<sup>c</sup> de desembargador,] lavraria a sentença de morte dos portuguezes que militavam na França com o tigre da Corcega. Citou os generaes portuguezes q̄ deviam ser <qu> inforcados [1 enforcados]; e, n’um rapto de vidente, exclamou: «Quem viver dez annos hade ver <derribada>[↑ cahida] a inquisição, ó snr. conego!»

– Deixal-a cahir – disse o padre.

– <E a fé?> Deixal-a cahir? E a fé?

– Qual <f>/F\é? a estatua que está no frontal da Inquisição no Rocio? Deixal-a cahir tambem, com tanto que nenhum de nós esteja debaixo.

– Falo na fé, no dogma, snr. conego!

– Ah! isso é outra coisa... Cuidei que me fallava da Fé de pedra, snr. desembargador.\*

---

<sup>18</sup> Assim no ms. e 1.<sup>a</sup> ed., mas devia ser Bragadas. Erro de autor.

\* A estatua da Fé, que estava encimando a fachada do palacio d<a>/o\ <Inq> St<sup>o</sup> Off<sup>o</sup> no Rocío, foi <apeada>[↑derribada] com uma corda e despedaçada em 1821. Na manhan do dia seguinte os inimigos da revolução liberal afixavam nas esquinas este pasquim:

ESPERANÇA não ha;  
FÉ ja não temos;  
E CARIDADE?  
Nós lh'a faremos...

E fizeram.

\*

[52] Este conego, cujo retrato eu vi<1 ,> ha dias, [↑em Braga,] na galeria dos bem-feitores do hospital de S. Marcos, não era, como se vê, um estrenuo defensor do sancto officio, [↑nem acreditava nas invencionices de Bernd<sup>o</sup> de Brito,] mas dava aos pobres invalidos e enfermos [1 enfermos] parte de suas rendas, e estimulava, como ha pouco prezenciamos, a caridade dos seus hospedeiros amigos, <a>/e\m beneficio da engeitada. Folguei de ver aquelle alegre [1 ridente] aspeito em que reluzem uns olhos sagazes, posto que ja desvidrados pelo <atrigo> puir dos setenta annos. Estava ao pe de mim o <octo>[↑nona]genario provedor da Misericordia que me disse ter ainda conhecido aquelle alegre ancião com a sua cabeça veneranda á jealousy de uma cazinha da rua d'Agua. Foi elle quem recolheu <em um>[↑no] convento [↑das Therezinhas] de Braga, aos quinze annos, Maria Moyses, quando ja era[m] falecido[s] o desembargador, e <tambe> uma das irmans, a madrinha d<e>/a\ <Ma> engeitada.

Pelo que respeita a D. Maria Tiburcia, não sei se me acreditam, mas a minha obrigação é atirar para ahi com as perolas [↑da verd<sup>e</sup>] sem me preocupar com o destino d'ellas. D. Maria Tiburcia, preenchidos os cincoenta e sete annos, cazou com um mancebo, que estudava theologia [↑moral] com <tamanha negação>[↑tanta incapacid<sup>e</sup>], que preferiu [↑D.] Tiburcia [↑com 10.000 cruzados,] ao <Lagarr> <Larrag> Mestre Larraga com a sciencia do ceo. Este moço fazia sonetos e madrigaes. Conhecia toda a symbolica das flores; mas não as comia como Esdras, a unica pessoa, que eu saiba, que se sustentou <quinze>[↑ <c>/qu\atorze] dias de flores. *Manducabis solummodo de floribus*, disse-lhe o anjo; deu-se bem o flori<f>[↑ph]ago, e – acrescenta Isidoro de Barreira – tornou a comer outros sete dias flores e a sustentar-se.\* <O marido de Tiburcia preferiu> [53] <comer os 10:000 cruzados da velha esposa> <Não> A hyndio[↑sin]crasia <†> do marido de Tiburcia não eram flores, [1 ;] era boi<, > e leitão, frigideiras de Braga e murcellas de Arouca.

\* *Esdras*, 4. 9. Isidoro de Barreira, *Tratado da significação das plantas*, etc. pag. 21.

O desembargador quiz pôr a irman por demente; mas ella, que <tinha>[↑prefazia] quatro emancipações <perfeitas>[↑completas], não lhe refileu os dentes, porque os não tinha, mas safou-se de caza, e desmaiou cheia de pudor e denguice<1 ,> nos braços do seu <trovador>[↑bardo] e marido.

A outra, D. Maria Filippa, <insultou>[↑injuriou]-a <a ponto de>[↑ate ao extremo de] lhe dizer<: >/,\ [cara a cara:]

– Estás uma carcassa e <vae> queres cazar! [→Não tens vergonha! Põe um caustico nessa cabeça, douda [1 doida]!]

Depois, fez testamento, e deixou <cinc> 5:000 cruzados <1 aos filhos naturaes do irmão, e outros 5:000 cruzados> a sua afillhada Maria Moysés<.>/,\ representados na quinta de Sancta Eulalia, n<as>/a\ margem direita do Tamega.

<Em 18> <Quando> <Aos desoito annos,> <o>/O\ tutor e director da recolhida,

o conego Botelho[1 ,] desejou passar [1 residir] um verão<, > na quinta de St<sup>a</sup> [1 Santa] Eulalia para <1 [↑ahi]> repassar tristemente na memoria os vinte estios que ahi <pass> folgára com o seu amigo Theotonio e com as duas irmans, que elle, em dias de alegre humor, chamava as duas *biscas* [1 biscas], como q<sup>m</sup> diz que so tinham prestimo para a sueca. Maria, a herdeira da quinta, acompanhou-o, resolvida a não tornar p<sup>a</sup> o convento. Ideara um viver mt<sup>o</sup> diverso do monastico. Não podia conventualmente exercitar <a>/u\mas estranhas humanidades que lhe agitavam o coração desde que sua madrinha lhe legara recursos para as realizar.

Assim que chegou a Sancta Eulalia revelou ao conego o seu pensamento: era crear meni[54]nos enfeitados!

<sup>5</sup>O <sup>6</sup>padre <sup>1</sup><e>/E\ra <sup>2</sup>bom <sup>3</sup>e <sup>4</sup>caridoso; mas achou tão original [↑e extravagante] aquella idea em uma menina de dezoito annos, que <não lh'a applaudiu.>[↑lh'a desaprovou em termos energicos.] Sabia o conego que uma [↑anonyma] viuva franceza abriera um azilo de expostos perto de Saint-Landry; não ignorava q̃ uma respeitavel matrona, Isabel Lhuillier [1 Lhuiller], auxiliara <1 [↑<fervoros>/devot\am<sup>te</sup>> S. Vicente de Paulo em <recolher enfeitados;>[↑ dar abrigo <ao>/a\s creanças abandonadas;] mas uma menina solteira a lidar com <ingeitado> enfeitados figurou-se-lhe <o que quer que er> <caridade> exercicio menos consentaneo com a pureza e candura de annos tanto em flor. Alem d'isso, Maria Moysés, sosinha, sem familia, sem auxiliares, e <até sem bastantes>[↑desprovida de <sup>2</sup>bastantes] <sup>1</sup>recursos, [↑em] que especie de serviço aos enfeitados empregaria a sua caridade? Indo buscal-os á roda para os crear em sua caza? <† †> Assoldadando amas <e fazendo hospicio> para a criação physica, e mestres para a criação moral? mestres para as lettras e p<sup>a</sup> os officios? <Onde iria> <Onde> Em que veios de imaginario ouro se alimentara esta <[↑sancta]> utopia que poderia ser virtuosa se não fosse indiscreta?

Ella ouviu silenciosa o conego, e depois de mt<sup>o</sup> instada a explicar o seu proposito, disse singelamente:

– O meu desejo é dar aos enfeitados a carid<sup>e</sup> que me fizeram a mim [1 que eu recebi].

– Mas tencionas procural-os?

– Isso não; espero que a divina Providencia os leve onde eu estiver.

– És uma virtuosa creança, Maria – replicou o padre – mas vieste tarde á procura de um [1 d'um] mundo q̃ passou. Exercita a carid<sup>e</sup> quanto as tuas forças t'o permittirem; porém, não vás alem do que te rende esta quinta. Outo [1 Oito] carros de milho, quatro pipas de vinho, [55] e dez almudes de azeite é o teu rendimento. Contam-se milagres de multiplicação que talvez se possam repetir <com> no teu pouco; mas o mais prudente é <confiars> contares pela arithmetica que <t>/e\u te ensinei. Quem tem seis por anno e gasta sete, ao fim de seis annos tem so um. Gasta os seis, Maria, os seis somente em obras [↑justas] de misericordia, e não dês alento aos costumes depravados tomando a teu cargo os filhos que as mães abandonam.

– Tambem eu fui abandonada – disse ella.

<E>[↑Ora], passados alguns dias, Maria Moysés tinha em caza <duas>/dous\ [1 dois] <creanças>[↑meninos]<, que não> na primeira infancia. <O><[↑\*Sucedera assim: o]>[↑O velho] Francisco Bragadas, que era agora cazeiro da engeitada ã <encontrou><[↑levantára]>[↓encontrou] no rio, contou-lhe que a moleira da Trofa, viuva d<o>/e\ <<Z>/Z\ irmão ã os francezes lhe mataram na Amarante e mais ao filho>[↑um soldado que <and>/est\ava lá <pelas>[↑p<sup>a</sup> as] Ilhas com o irmão do snr. D. Miguel,] morrera [↑de *cambras*] deixando dois <netos> filhos pequenos, ã não tinham migalha de pão.

– Vê, snr. conego? – disse ela – Já tenho dous [1 dois]!

– Esses <ia>[↑dois iria] eu buscar-t'os, se o reumathismo me deixasse, menina.

– Então vou eu?

– Pois vai, Maria, vai... <Traz os> Assim, accredito eu que a divina Providencia t'os mande. E olha ã são mais dignos de compaixão os orfãos<1 ,> que viram morrer sua mãe, [1 do] ã os ingeitados [1 engeitados] ã a não conheceram.

[\*]

A filha que Izabel, mulher do Bragadas, amamentava, quando [↑o marido lhe levou] <\*o>/a\ engeitada, <che> era agora uma guapa môça com q<sup>m</sup> Maria se dava com maior dilecção [1 de quem Maria se affeiçoára fraternalmente]. Joaquina, posto que pobre, fôra pedida por um lavrador abastado de Cavez; deviam cazar no S. Mi[56]guel, depois das colheitas; mas n<o>/a\ <dia>[↑noite de] 24 de agosto, quando em Cavez se festeja o S. Bartholomeu, os festeiros do Minho <pe>[↑bri]garam com os de Tras-os-montes, segundo o <devoto>[↑barbaro] estylo d'aquella romagem. O tiroteio de ambas as margens do Tamega principiou ás dez da noute [1 noite]. Ao romper da alva, <largar> os <rixosos>[↑turbulentos] accometteram-se peito a peito [↑de clavinas engatilhadas] <na ponte>, e dos dois <minhotos>[↑valentes] que cahiram mortalmt<sup>e</sup> feridos [↑na ponte], um era o noivo de Joaquina. A rapariga ainda o viu moribundo; quiz despenhar-se da ponte, e foi levada sem alento para caza da mãe do morto, ã a tratou com o amor ã tinha ao filho. Volvidos alguns dias, tornou para Sancta Eulalia [1 casa de seus pais]. Maria Moysés deu-lhe uma cama em sua caza, e fez-se a sua enfermeira [1 enfermeira] moral; todavia as angustias da rapariga recresciam, e o proposito do suicidio revia-lhe nas meias confidencias á sua bemfeitora.

Uma noite, <forçada><[↑dominada]>[↑acorçoada] pelo amoroso disvelo [1 desvelo] de Maria, a filha do Bragadas, com mais lagrimas ã expressoens, revelou que estava perdida[1 ,] por ã o pai de seu filho já não podia remediar a sua deshonna.

A engeitada [↑quedou-se a] olh<ou>/ar\ para <ella>[↑Joaquina] com muita tristeza e <disse não achar no seu coração as palavras de conforto> espanto. Do seu [↑proprio] nascimento inferia ella uma <desventura>[↑desgraça] semelhante á de Joaquina; mas <a>/o\ <pureza da alma> pudor, a religião, a repugnancia <ás de sua in> <que in> congenial da [↑sua] vida pura soffreram uma dor intima com a inesperada confissão. O coração decerto as tinha, mas não lhe inspirou de prompto palavras confortadoras. Separou-se dela <pro>fundamente <abalada>[↑magoada] e pensativa; mas não adormeceu. <Do> Alta [57] noute [1 noite] ouviu ringir a porta do quarto de Joaquina. Ergueu-se alvorçada [1 alvorçada] pelo presentimt<sup>o</sup> de que a infeliz rapariga

---

<sup>19</sup> O ms. tem aqui um intervalo que foi depois transferido, tal como na 1.<sup>a</sup> ed., para cinco parágrafos depois.

ia <sahir> matar-se. Não a encontrou no quarto; correu á porta da sala de espera <que se abria>[↑que ella] nesse momento [↑abrira]. <Abraçou-se na filha do seu salvador>[↑ Reteve<†> a desvairada], e <exclamou:>[disse-lhe abraçando-a:]

– Onde vaes?

Joaquina, com <a turvação do> a vista vaga e torva [1 turva] de quem <a>/c\horou até que a demencia lhe seccasse as lagrimas, sentindo-se apertada ao seio d'aquella a quem se confessára [↑mãe] deshonrada e perdida, <cahiu de bruços> <exclamo> balbuciou:

– Não diga a ninguem a cauza da minha morte, que meu pai está mt<sup>o</sup> acabado; e, se elle <morrer, que hade ser da m<sup>a</sup> familia> [o] souber <isto>, morre de paixão...

– Falla baixinho, que não ouça o snr. conego – disse M<sup>a</sup> apontando para o quarto do hospede – <v>/V\em para o meu quarto, Joaquina, e lembra-te que eu sou aquella engeitada que teu pai <de> poz no colo de tua mãe quando tu la estavas. Vem; e, se és m<sup>a</sup> am<sup>a</sup>, não chores, nem me assustes.

\*

No começo do inverno, Maria Moysés sahiu de Sancta Eulalia, e pediu aos seus cazeiros que deixassem ir com ella a sua filha.

– Para onde vai a senhora então? – perguntou o Bragadas.

– Vou passar o inverno em Braga, onde tenho as m<sup>as</sup> amigas do convento. Aqui lhe deixo os meus orfãos, que ja podem ir á eschola. Trate-os como costuma tratar os filhos ã não tem mãe, sim?

– Vá descançada; mas<1 ,> ó senhora, isto de [58] eschola <para>[↑p'ra] ã <serve>[↑monta]? Eu tambem não sei ler, nem nunca me <foi preciso>[↑fez minga]. La se elles tivessem ã comer, vá; sabendo ler, <sempre se entretinham com> não era máo; <para> mas o que elles carecem é de se p<a>/e\gar ao trabalho, guardarem <os porcos>[↑uns sevados] em qt<sup>o</sup> não podem ir p<sup>a</sup> o monte com a rez, e depois é agarrarem-se á enchada e á rabiça do arado. <†>

– Não quero, snr. Francisco. <Mande-os á eschola>[↑Quero ã apprendam], e depois veremos. Talvez os mande p<sup>a</sup> o Brazil.

– Ah! a senhora [↑está a ler!] quel-os f<ra>/a\zer brasileiros? Boa vai ella! Se vai nesse modo de vida, queira perdoar-me, mas a <senhora> m<sup>a</sup> ama dá conta do que tem. Olhe que os milhos este anno quase [1 quasi] ã não espigaram, e as oliveiras tem [1 estão tolhidas da] ferrugem. Vinho, então, não se enche <o>/a\ <tonel>[↑cuba] pequen<o>/a\.

– Paciencia. <Os>[↑Para nós e p<sup>a</sup> os] pequenos sempre hade chegar.

N<o>/a\ <outono>[↑primavera] seguinte, <, quan> Maria e Joaquina voltaram á quinta. <O Francisco> O cazeiro, quando viu apear uma mulher desconhecida com uma creança nos braços, perguntou á filha:

– Aquillo que é, ó môça?

– É uma engeitada de que tomou conta a senhora. <Appareceu>[↑ Poseram-na] no pateo da nossa caza, e a senhora não a deixou botar [1 deitar] à roda.

– Está bem aviada a senhora! – tornou o Bragadas com bastante rabugice e algum zelo pelas commodidades da sua ama – E tem de pagar e dar de comer á mulher que a cria?

– Pois ella!...

– Ora adeus, adeus! isto assim vai tudo pela agua abaixo. O melhor é dizer que a q<sup>ta</sup> dos fidalgos do Arco é agora a roda dos engeitados. Es[59]ta senhora carece de tutor,

quando não[1 .] d'aqui a poucos annos[1 .] está a tocar ao viatico.

– Olh<a>/e\ que ella ouve, meu pai.

– Deixal-a ouvir...

– <Falle>[↑Ralhe], ralhe, <snr>[↑tio] Francisco, que eu não me offendo – disse M<sup>a</sup> Moysés, sorrindo[1 .] – Que tem que eu morra pobre? [↑Acabarei como comecei.] Ja nasceu alguém mais pobresinha que eu? Não se arrependa de ter sido quem deu cauza a que eu fosse a dona desta quinta. Se [↑eu] ficar sem ella, tio Francisco, é por que a reparti por muitos pobres; mas a melhor porção hade ser a minha, por que o prazer de dar é mt<sup>o</sup> maior que o de receber.

– Sim, sim... – obtemperou ironicamente o Bragadas, com o seu frio egoismo de velho[1 .] – A senhora la sabe o que lhe convem. O que eu lhe digo é que, se se espalhar a noticia de ã a senhora recolhe os engeitados, verá ã lhe chovem em caza como a praga do Egypto. E olhe que está em terra azada para metter em caza mais garotos do que andam na esc[↑h]ola do Farripas em St<sup>o</sup> [1 Santo] Aleixo. Isto por aqui é um louvar a D<sup>s</sup> de mulheres perdidas... <Uma> [↑ Ja não ha pais ã saibam criar as filhas com pão e páo...]

Joaquina affastou-se com os olhos marejados de lagrimas, e Maria Moysés, retirando-se, cortou a diatribe que o <honrado velho>[↑pai austero] vociferava contra a dissolução dos costumes.

<As irmans e a mãe de Joaquina>

[\*]

O conego Botelho, <e o> no estio de 1835, fez a ultima visita á quinta de Sancta Eulalia.

– Venho despedir-me – disse elle – despedir-me de ti, e destas arvores que eu vi plantar. Este olmo que ainda tem um signal de letras, fui eu que o plantei ha vinte e trez annos. Chamava-se [60] a arvore do conego. La pela vida fora, Maria, quando te sentares neste banco de cortiça, lembra-te do teu <velho> amigo. E, para que possas mais alguns annos possuir a tua quinta e ser a dona da arvore do conego, saberás que no meu testam<sup>o</sup> reparto entre ti e a Misericordia de Braga os meus poucos haveres. Receberás 4:000 [1 quatro mil] cruzados. É o m<sup>mo</sup> que deixal-os a um <azilo>[↑hospicio] de infancia desvalida. applica-os segundo o teu plano caritativo; mas não sacrificques o passadio da tua velhice. A esmola é boa, mas a prodigalidade é má, ainda quando se quer justificar com o titulo usurpado de caridade. De vez em qd<sup>o</sup>, Maria, vem sentar-te aqui onde agora estamos, quando eu já estiver dormindo o somno eterno, e imagina que me ouves estes conselhos que te deixo.

Falleceu o conego João Corr<sup>a</sup> Botelho em 1836. Maria Moysés, n'este ano, <exhuberava>[↑transcendia] de jubilo, por que a profecia de Francisco Bragadas se realisara: trez <engeitados>[↑expostos] lhe pozera a divina Providencia no pateo, durante o anno. <Como> Como conforto á saudade do seu bemfeitor, dera-lhe Deus [↑a alegria] [d]<a>/o\s trez engeitados, pobrem<sup>e</sup> enfaixados em pedaços de lençoes velhos e baetas rapadas. Lavava-os e vestia-os, baptizava-os e alimentava-os com leite de ovelha em qt<sup>o</sup> não appareciam amas. As amas desciam das terras de Barroso, [↑vermelhaças,] grossas, <corpulentas>[↑de grandes peitos e quadris;] <e vermelhaças><sup>20</sup> O velho Bragadas dizia que a patifaria era tal que as amas eram as proprias mães dos engeitados que regateavam o ordenado da criação antes de darem [61] os seios exhuberantes aos filhos. [↑E declamando contra a estragação dos costumes, <parecia um missionario.>[↑exceptuava sempre as suas filhas, dando-as como exemplo.]] Joaquina ouvia com a alma confrangida <estas reflexões>[↑as exclamações] do pai; mas a dor e a vergonha eram bem remuneradas pelo prazer de abraçar um gordo rapaz que lhe chamava tia.

Por toda a corda de Basto e Ribeira de Penna, por todo o Barroso e Cerva, d'aquem e d'alem Tamega, <constou>[↑propalou-se] que uma senhora de grande riqueza e caridade acceitava engeitados em sua casa. Onde chegou a nova foi tambem o [↑sobre]nome da senhora: chamavam-lhe *a santa Moysés*, sem respeito a processos de canonisação. Da <a> confluencia de <en> expostos á [↑qt<sup>a</sup> de] Sancta Eulalia <seria <jus> racional inferir que> a <do> <vergonha><[↑ despejo]>[↑virtude] <desatara as ultimas> atirara a †> pode inferir-se que a virtude e a castidade de <Maria>[↓uma mulher] era um aphrodisiaco para a fecundidade das outras.

Principiou a <incutir-se no>[↑inquietar o] animo de Maria o receio de não poder com tamanho encargo. <Ouvia a miudo>[↑Assaltavam-na a cada passo] as reflexoens <posthumas> do conego Botelho. Quando se assentava á sombra do olmo, [↑ouvia-o com saudade, e] pedia a Deus que a encinasse a <discutir com> responder aos argumentos do padre, e lhe desse meios para ver creados os dez engeitados que tinha em caza, e os que mandára crear fora.

Os filhos da moleira ja tinham ido para o Brazil; outros andavam na eschola; as meninas tinham mestra[s], que era[m] Joaquina<, educada pela> em cousas de costura, e Maria no ler e escripta.

A herança do conego [↑ [e os rendim<sup>tos</sup> da qt<sup>a</sup>, na verd<sup>e</sup>] mal administrad<a>/os\], supprira[m] [↑ainda assim] as despezas no transcurso de dez annos. Maria, com a sua fama de sancta, era havida em conta de tola pelos velhacos. A falsa pied<sup>e</sup> explorava-a. Festas de [62] capellas, votos de missas pedidas, resplendores p<sup>a</sup> uns sanctos, capas para outros, esmolas para entrevados de longe, <subsidi> esmolas para aleijados que iam a caldas e ao mar, esmolas p<sup>a</sup> rapazinhos que iam para o Brazil, para cabaneiros a quem o incendio devorou a choça – com verd<sup>e</sup> ou impostura – ninguem ia da sua porta com as mãos vasiaas.

– Eu tambem sou pobre – disia ella.

– Tem a graça de Deus que lhe dá tudo – respondiam os pedintes, com a certeza de q̃ ella ja havia pedido alguns centos de mil reis sobre a quinta.

As Irmandades [1 irmandades], que lhe emprestavam o dinheiro a juro, pediam-lhe donativos para reformar paramentos de <igre> sacristia, e madeiras para os vigamentos das igrejas.

---

<sup>20</sup> Existe aqui uma chamada para adição na entrelinha, mas nada foi adicionado.

Como so de per si ja não podia cuidar na educação dos engeitados, Maria Moysés pedia ás pessoas abastadas que a auxiliassem, não com dinheiro, mas com a caridade de se encarregarem de alguns. Assim foi que o abbade de Pedraça tomou p<sup>a</sup> si aquelle pequenino, que se chamou Alvaro, e depois legou <um abas> ao filho <†> [↑natural] d<e>/o\ Visconde de Agilde <um> o farto ouro que parecia trazer comsigo o condão de virtude da engeitada de St<sup>o</sup> [1 Santo] Aleixo.<sup>(1)</sup>

<sup>(1)</sup>[1 Veja *O Filho Natural*.]

\*

Em 18<46>/50\, trinta e <trez>[↑oito] annos depois que sahira de Portugal, chegou á sua caza de Cimo-de-Villa em Ribeira de Penna, Ant<sup>o</sup> de Queiroz e Menezes, reformado com a patente de general no imperio brasileiro. Tinha <cincoenta e seis>[↑sessenta] annos. Não cazára, nem grangeára familia de ordem nenhuma. Viera só, mais velho que a sua idade, [63] cheio de condecoraçoes e <com os seus bahus vasios da moeda ã constituia> mais nada. [↑Ant<sup>o</sup> de] Queiroz era rico em Portugal. Os vinculos não pôde o pai desvial-os da linha varonil, nem os mordomos por elle encarregados da fiscalisação dos grandes bens lh'os depreciaram. As irmans, cazadas com pequenas legitimas, assim que chegavam navios brasileiros com a noticia das febres devastadoras, sentiam um<a> vag<a>/o\ <satisf> contentamento na hypothese de ser Deus servido levar-lhes o mano general. Como viviam cazadas com uns fidalgotes de meia-escudela, <bona> fragueiros, [↑brutos] e forçados, á mingua de recursos, a matar[em] <o tem> coelhos para matar[em] <\*t>/o\ tempo, aquellas senhoras <creadas em conventos da côrte> mandavam <botar>[↑deitar] as cartas a uma creada velha para saberem se lhes viria alguma herança. Entretanto, o irmão, de vez em quando, mandava<-lhes> dar[↑-lhes] [1 ordenava ao mordomo que lhes desse] porção das suas rendas superfluas.<sup>21</sup>

O general chegou inesperadamente, recolheu-se á caza onde nascêra, [1:] e tão funda amargura o avassalou que se arrependeu de voltar a [1 á] terra natal, onde lhe entraram <pela alma dentro>[↑redivivas e pungentes ao amago da alma] as recordaçoes de Josefa de Sancto Aleixo, [-] a sombra plangente ã lhe segui<u>/ra\ todos os passos da vida.

Perguntou pelos seus amigos da mocidade: todos eram mortos, exceptuado Fernando Gonçalves Penha, <aquelle> da caza da Temporan, aquelle que, a seu pedido, enviára a [↑astuta] cazeira a St<sup>o</sup> [1 Santo] Aleixo com o recado da fuga. Este mesmo, que seguira a carreira das lettras, era juiz em uma das <r>/R\elaçoes do reino. Escreveu-lhe Queiroz, noticiando-lhe a sua chegada. *Vem, para ã eu não morra sem ver um amigo da juventude* – dizia elle.

Gonçalves Penha <foi ver o seu quer> foi pressurosamente. Os dois velhos abraçaram-se a chorar. Reconheceram-se pela voz. Era tudo o mais uma transformação em ã os gusanos [1 vermes] do sepulcro ja pouco teri[64]am ã destruir. Antonio de Queiroz, o esbelto cadete de cavallaria ã o outro conhecera <com uma be> <com uma> <a> de cintura feminil, e <uns ameigados> olhos negros docemente ameigados <pela>[↑por] alma apaixonada, <que> era agora um ancião de grandes barbas brancas, <com o ventre <em> expansivamente espherico,> olhos apagados, e faces angulosas, a tiritar de frio, no amplo cazacão de baêta.

– Ha quantos annos me não escreveste? – dizia Gonçalves Penha.

---

<sup>21</sup> Depois desta palavra, existem três cruces grandes.

- Ha trinta e sete. Recebi duas cartas tuas, q̃ ainda tenho, datadas de Coimbra.
- Só duas? Escrevi-te mais[;] <de duas duzias> porem, depois que teu pai morreu me disseram teus cunhados que entre os papeis d’elle appareciam cartas q̃ eu te escrevêra fallando-te d’aquella rapariga de St<sup>o</sup> [1 Santo] Aleixo. A omnipotencia de teu pai chegou a subornar o fiel do correio de Villa Pouca de Aguiar. Parece-me – prosseguiu o desembargador reparando na commoção de Ant<sup>o</sup> de Queiroz – que ainda te sangra o coração...
- Ainda. Nunca, nunca se fechou a ferida. Está essa infeliz deante dos meus olhos como a vi, tal qual ella era, ha trinta e oito annos. Que me dirias [1 dizias] tu n’essas cartas q̃ eu não li?
- Posso la lembrar-me [1 agora]!... isso vai tão longe... So me recordo... deixa-me ver se reuno umas ideas vagas... Sim... eu mandei la a minha cazeira...
- Recordo-me, e Jozefa respondeu alegremente que fugiria para o Enxertado na noite do dia segt<sup>e</sup>; mas, n’esse m<sup>mo</sup> dia á noute [1 noite], 27 de Agosto de 1813, suicidou-se.
- Ah! vou-me lembrando... esse suicídio é que eu punha em duvida<1 ...> [1 nas minhas cartas que não recebeste.]
- Porque? então mataram-na?!
- Ja não vive ha mt<sup>os</sup> annos o cirurgião que a tratou; [↑eu sahi d’aqui ha trinta e cinco, e nunca m<sup>s</sup> o vi]; se [1 elle] vivesse, poderia ajudar-me a recor[65]dar. Espera lá... Como a velhice nos barre tudo da memoria! Ah! uma circumstancia... o apparecimento de uma criança no rio...
- O quê?
- Espera, Ant<sup>o</sup>, não me quebres o fio das recordações.
- Gonçalves Penha tapou a cara com as mãos, curvou-se bamboando a cabeça, <le> ergueu-a com impeto, e disse:
- Parece que vejo ressuscitar [1 reviver] o passado... Olha, Antonio [1 Queiroz], na mesma noite em que essa rapariga appareceu moribunda no rio, um homem q̃ andava á pesca encontrou uma creança viva n’um berço levado á tona d’agua. Fallando eu a este respeito com o cirurgião, me disse elle que a Josefa talvez não se suicidasse; mas que morresse quando ia a fugir com a creança<.>[para tua casa.]
- Não pode ser – atalhou Ant<sup>o</sup> de Queiroz.
- Por q̃ não pode ser?
- Era cêdo para ter ja nascido o filho.
- Isso mesmo disse eu ao cirurgião, contando-lhe o que sabia da tua carta escripta do Limoeiro, p<sup>r</sup> q̃ tu, se bem me lembro, disias-me que...
- Faltava um mez.
- Justamt<sup>e</sup>; mas o cirurgião convenceu-me de que bastava a alegria de fugir, qd<sup>o</sup> se julgava abandonada, para lhe produzir um forte abalo. E espera... outra circumstancia... a m<sup>a</sup> cazeira foi desfarçada [1 disfarçada] <a St<sup>o</sup> Aleixo, fallou com um> a uma quinta onde estava a creança que appareceu, e soube com certeza q̃ fôra achada n’essa mesma noute [1 noite], e que...
- Onde era essa quinta? – <acom> interrompeu o general.
- Ó filho! isso é que eu não te posso dizer ja; mas deixa estar... a cazeira deixou filhos q̃ [66] ainda são meus cazeiros. É natural que elles a ouvissem mt<sup>as</sup> vezes fallar [↑do caso milagroso] da creança que appareceu deitada n’um berço de junco. Eu te direi o que souber. Ó Queiroz – exclamou o juiz com enthusiasmo – e se tu descobrias agora <a tua filha>/o teu filho\!
- Não me passa pelo espirito esse devaneio, meu amigo<;>/. \ <mas> <e>/E\u<sup>2</sup> antes <sup>1</sup>quizera que a morte dessa infeliz não fosse um acto de desesperação; mas,

pensando bem, Gonçalves, por q̃ havia de suicidar-se ella?...

– Sim, tendo-me dito a cazeira que a rapariga chorava de alegria? Antonio, eu <hoje> agora recordo-me [1... recordo-me eu agora] perfeitamente de q̃, nas m<sup>as</sup> cartas, te dizia q̃ o teu filho podia existir, e foi [1... E foi] p<sup>r</sup> isso m<sup>mo</sup> que teu pai [↑as] subtrahiu <as cartas>... Não te parece?

– É possível; mas... que novas dores a esperança me está gerando na alma! A esperança!... q̃ posso eu esperar das transformações de trinta e sete annos, meu amigo?

– /T\ens rasão... Ainda m<sup>mo</sup> que o pequeno encontrado fosse o teu filho, ha que annos terá morrido o homem que o encontrou no Tamega? Que destino levaria o rapaz? Ainda assim, olha que eu sei de cazos de mais difficullosa averiguação q̃ se tiraram a limpo. Os processos por causa de successoens estão cheios de factos que parecem novellas, e <nas arvores genealogicas> nas genealogias ha muitos dessa especie.

\*

Ao outro dia, o general Queiroz de Menezes sahiu, pela primeira vez, do seu <velho>[↑carrancudo] solar, e caminhou a pe e só [1 sósinho] na direcção do Tamega. Os homens antigos, quando o viam ao longe, desco[67]briam-se e paravam. Elle parava [↑tambem] deante d'elles, mandava-os cobrir, e perguntava quem eram. Alguns haviam sido seus companheiros na caça, outros brincaram com elle na infancia, e lembravam-se das travessuras do fidalguinho. O general recordava-se d'aquelles nomes, dava esmola generosa aos necessitados, e offerencia a sua amisade aos outros.

Chegando á ourela do Tamega, parou de fronte da Insua. Era alli que Josefa <1 o> esperava [1 o juvenil aspirante] embrenhada no choupal. Uns amieiros [1 Um conhecido amieiro] de tronco esgalhado em ramos recurvos ja não existia. N'esse logar estava uma azenha, com uma barca de passagem amarrada a uma argola de pedra chumbada na parede.

Á porta do muinho appareceu <uma> a moleira a perguntar-lhe se queria passar para além.

– Quero.

Já dentro da barca, perguntou-lhe se aquella azenha alli estava ha m<sup>o</sup>.

– Ha nove annos, meu senhor. Alli mais arriba havia um moinho que a cheia [↑me] levou. Fiquei com dous [1 dois] filhos pequenos sem modo de vida nem uma choupana; mas a mãe dos pobres acudiu-me. V. S<sup>a</sup> hade conhecer a senhora da quinta de St<sup>a</sup> [1 Santa] Eulalia.

– Não conheço.

– Então, ainda que eu seja confiada, não é de cá.

– Sou; mas tenho estado longe.

– Então [1 Lá isso], sim; que dez leguas em arredor toda a gente conhece a senhora de St<sup>a</sup> [1 Santa] Eulalia. Não ha outra assim no mundo. Só de engeitadinhos tem onze de portas a dentro.

[68] – Onze!

– É o que lhe eu digo, senhor.

– Bom é que haja uma sancta onde ha tantas mães que abandonam os filhos.

– Não que elle tambem ha muita desavergonhada por esse mundo de Christo.

Mulheres más por aqui é uma caza sim e outra não á ida para cima; mas á vinda p<sup>a</sup> baixo são todas.

O general sorriu-se, e disse:

– Bem faz você em viver perto da ilha; quando a corrupção for geral, fuja para la.

– Podéra; [1!] mas a mim já me não pega o <bar> andaço. Tomára eu pão para os meus filhos. Trabalho mt<sup>o</sup>, e o corpo não me pede folia. Tenho esta barca a metter agua, e Deus sabe quando terei outra. A mãe dos pobres ja me prometeu a madeira; mas eu [1 até] ja tenho vergonha de la ir.

– Pois não vá. Amanhan vá você á caza de Cimo-de-Villa, pergunte pelo Queiroz, e receberá dinheiro para a sua nova barca.

– Bemdito seja Deus! Então vossa excellencia [1 V. Ex.<sup>a</sup>] é o snr. general q̃ chegou ha dias?

– Adeus, appareça, mulherzinha.

Saltou á margem.

– Vossa excellencia [1 V. Ex.<sup>a</sup>] quer que eu espere? – perguntou a barqueira.

– Não, que vou passar ás poldras de St<sup>o</sup> [1 Santo] Aleixo.

E caminhou pela orla do Tamega ate saltar o combro que descia para a Cangosta do Estevão. Como ia fatigado, sentou-se[1 ,] enxugando o suor[1 ,] [69] na fraga a que o moleiro encostára o cadaver de Josefa, e lembrou-se que allí mesmo haviam estado sentados ambos em uma tarde de julho. Em baixo murmurava a corrente agitando as franças dos salgueiros, coaxavam as rans, e ás vezes um scalo de ventre prateado saltava á flor d’agua. Elle parecia ver e ouvir; mas via e ouvia no passado [1 o rosto e] a voz de Josefa, e embebia no lenço as lagrimas.

Subiu o ingreme barrocal da cangosta [1 Cangosta]. Entrou na aldeia de Sancto [1 santo] Aleixo, e sentou-se no adro. O cansasso anciava-o. <N>/D\ a caza da residencia sahiu [1 então] um clérigo ancião, apoiado em uma [1 na] bengala, e sentou-se á sombra de um [1 do] platano do adro, com o breviario debaixo do braço. Reparando no desconhecido, cortejou-o, e offereceu-lhe a sua residencia.

– É o reitor desta freguesia? – perguntou o general.

– Sim, snr [1 senhor]. V. S<sup>a</sup> não é d’aquem Tamega?

– Não sou. Está aqui reitor ha muitos annos?

– Ha vinte e sete.

– <D’onde é?> Aqui é aldeia de ricos lavradores, ao q̃ parece.

<– Da Povoas>

– Ha proprietários muito ricos, os Pimentas, o tenente coronel, o antigo capitão mor, etc.

– Se lhe não custa, snr. reitor, <visto>[↑pois] que é tão attencioso com os forasteiros, iremos dar um passeio p<sup>f</sup> esta aldea que me parece mt<sup>o</sup> pittoresca.

[70] – Da melhor vontade.

O reitor disia-lhe os nomes dos possuidores d<a>/o\s melhores <cazas>[↑edificios]. Chegaram a um <largo>[↑recanto] onde se viam ruinas de uma caza de lavrador mt<sup>o</sup> espaçosa. O general parecia querer reconhecer o sitio e a caza.

– Aqui – disse o vigario – <morou ha> morou um lavrador que morreu ha trez annos com mais de oitenta. Chamava-se o João da Lage. Bebia um quartilho de aguardente todos os dias, e chegou a idade tão propecta! [↑Fiem-se la nos medicos!] Desta caza tenho eu uma recordação muito funesta. [↓Ha que annos isto vai!... Perto de quarenta...] Em 1813, quando eu era minorista, vim aqui assistir com a m<sup>a</sup> sobrepeliz ao[s] <officio>[↑responsos] de uma pobre rapariga que se afogou no Tamega, uns <dizem>/disseram\ que por vontade propria, e outros disseram que por desastre. Era uma flor a môça. Ainda me recordo que, morrendo ella á noute [1 noite], foi preciso enterral-a ao outro dia, por q̃ não se podia soffrer o cheiro do cadaver. Como a morte em poucas horas transformara uma creatura linda como os anjos n’um charco de podridoens! <Ainda me lembro tambem de a ver a conversar com um meu condiscipulo de Latim>

– Que motivo se deu para o suicidio?  
– Não tenho a certeza; <nem> tenho a suspeita; porém, *perdoai aos mortos*, dizem os livros sagrados. O nosso dever é orar por elles, e não os chamar a contas.

O reitor, que assim fallava, era aquelle padre Bento [1 da Povia] que ja em annos de indiscretas verduras queria q̃ o escrivão respeitasse o cadaver ainda quente da suicida.

[71] O general absteve-se de interrogaçoens; todavia, o padre acrescentou:

– Esta caza vai desaparecer d’aqui. João da Lage morreu pobre. Devia tudo ás irmandades e á fazenda. Gastou trinta mil cruzados, desde q̃ a mulher lhe morreu de paixão la p<sup>a</sup> Barroso. Um <lavrador>[↑brasileiro] comprou esta quinta, que chega la abaixo ao rio [1 que esbeixa lá em abaixo com o rio], e <desfaz>[↑está arrazando] a caza para fazer <o>[↑um] palac<io>/ete\]. Ainda acolá se vê de pé um sobrado onde eu vim para acompanhar a morta á igreja. Alli é que ella dormia. Parece que V. S<sup>a</sup> está commovido [1 magoado] com a historia da pobre môça... – disse o vigario attentando nas lagrimas [↑reprêzas] do ancião.

– Todos os velhos são faceis em chorar... Continuemos o nosso passeio, snr. vigario. D’aqui desce-se p<sup>a</sup> as poldras?

– Sim, senhor, por esta viela; depois, la ao fundo, salta-se ao campo da direita. Eu acompanho-o ate la, por que vou ver um [1 uma] doente que mora á beira do rio.

Quando chegaram ás poldras, <disse>[↑perguntou] o general:

– O snr. vigario nunca ouviu dizer d’uma creança que appareceu por aqui n’um berço ao de cima da corrente?

– Foi mt<sup>o</sup> perto d’aqui, talvez cem passos, onde o rio faz uma enseada. Essa creança recorde-me eu mt<sup>o</sup> bem que appareceu na m<sup>ma</sup> noite em q̃ a Josefa da Lage se afogou. Deu mt<sup>o</sup> que pensar e que suspeitar essa [1 tal] coincidencia; mas eu reprovei que se fizessem juisos temerarios. Esta terra, ainda mal, q̃ teve sempre peccadoras das q̃ cuidam esconder-se aos olhos de Deus, quando podem apparecer[1 .] sem os f<sup>os</sup> q̃ engeitaram, aos [72] olhos do<s> <homens.>[→ mundo.]

– Ouvi dizer que a creança fôra salva.

– Sim, <snr,> senhor, foi encontrada san e enxuta n’um berço de canastra por um homem q̃ andava pescando, [1 :] [↑era o] cazeiro dos Valladares de St<sup>a</sup> Eulalia. Deitaram-se m<sup>tas</sup> inculcas, mas nunca se soube quem era a mãe.

– O homem que <a> encontrou [↑a creança] ja é fallecido... [1?]

– Nada, não é; chama-se o Bragadas, e <é> nasceu nesta freguezia. Ainda ha dias vi [↑no livro dos baptisados] que elle ja fez oitenta annos. Mas ha <ah> aqui um cazo que parece conto de romance. O Bragadas é hoje cazeiro da m<sup>ma</sup> engeitada que elle achou!

– Como?! – exclamou Ant<sup>o</sup> de Queiroz. <– Tem>

– Tem razão de se espantar, meu senhor; mas a verdade é esta. O engeitado era uma menina de q̃ tomaram conta os fidalgos, que a baptisaram com o nome de Maria Moyses, por ter sido achada no rio como o sancto <patriarcha da Biblia>[↑legislador dos hebreus]. Depois, uma das senhoras, q̃ foi madrinha, deixou-lhe a quinta de Sancta Eulalia. Sahiu um anjo a creatura de Deus; chamam-lhe a mãe dos pobres; recolhe <todos> <1 e>[1 .] e ensina e dá modo de vida a q<sup>tos</sup> orfãos e engeitados a mão da desgraça lhe leva ao seu regaço...

– Parece – atalhou o general – que são mt<sup>as</sup> as probabilidades a confirmar a hypothese de que essa engeitada seja filha de Josefa... Não concorda comigo?

– Eu ja disse a vossa senhoria [1 V. S<sup>a</sup>] que todos os juizos temerarios são venialmt<sup>e</sup> peccaminosos quando redundam em desdouro de vivos, e mt<sup>o</sup> mais de mortos que não podem justificar-se. Não sei, [1... E] o que eu não sei, p<sup>a</sup> mim é apenas possivel.

Seja de quem fôr filha, Maria Moysés é uma mu[73]lher que faz lembrar as antigas sanctas.

– Conhece-a, snr. <vig>/rei\tor?

– Nunca a vi; mas ouço dizer que tem no rosto a formosura da alma, e que parece ter vinte annos, andando ja perto dos quarenta; sim, não hade ir longe... de 1813 a 1850...

– Trinta e sete...

– É isso, trinta e sete<sup>22</sup>. Pena é que os poucos recursos lhe não permittam ir tão longe como o coração lhe pede. Alargou mais do q̃ podia a <orbita> área da caridade. Acudia a todas as desgraças com mais liberalid<sup>e</sup> que prudencia. A sancta cegueira não a deixava [1 pre]ver os limites das suas medianas posses. Os rendimt<sup>os</sup> da quinta são escassos e talvez mal pagos pelo cazeiro a q<sup>m</sup> ella não pede contas, ou aceita as q̃ elle quer dar-lhe, por q̃ foi elle q<sup>m</sup> a salvou. A pouco podiam montar. Verd<sup>e</sup> é que um conego de Braga, sancto homem q̃ eu conheci, lhe deixou alguns mil cruzados com que ella costeou por bastantes annos as despezas de alimentação e educação de engeitados e orfãos. Afinal, o dinheiro <la se espalhou em parcelas pela pobreza> acabou-se, mas a carid<sup>e</sup> na alma da sancta mulher é q̃ não esmoreceu. Não pede nada; mas [1 ,] se sabe que um fidalgo ou abbade rico ou viuvo sem filhos está no caso de poder aceitar-lhe um orfão ou <um> engeitado, escreve-lhe a pedir-<lhe> pelo amor de Deus que o aceite e sustente com as migalhas da sua meza. E assim tem conseguido arranjar <alguns> [↑bastantes]; e d' <um> [↑alguns] se conta que <foi> [↑foram] p<sup>a</sup> o Brazil e la estão <ricos; mas <nada lhe> não mandam> bem enca- [74] <nada á sua bemfeitora> minhadados.

– Sabe então o snr. reitor que Maria Moysés está pobre agora?

– Pobre de todo não direi, por que a suprema riqueza é a graça de Deus; mas necessitada de recursos para continuar a sua <augusta missão> sancta dedicação aos infelizes, com certeza está; por que eu sei que ella deve mais de trez mil cruzados a varias confrarias, [1 ;] e na porta da m<sup>a</sup> igreja está um aviso annunciando que quem quizer comprar a quinta de Sancta Eulalia falle com a dona da mesma. É uma bonita propriedade; mas ninguem lhe dá o q̃ ella vale, por que <está malt> não ha dinheiro, e quem <†> o tem fecha-se com elle, por medo das revoluçoens que são umas atraz das outras. Os cabralistas querem dinheiro, os patuleas querem dinheiro, agora <murm> dizem que os saldanhistas vão sahir com a procissão por que querem dinheiro, e quem não fôr uma das trez cousas hade pagar para todos os trez partidos. Eu não sei com quem tenho a honra de fallar, mas sou franco; o q̃ eu digo é que Deus traga o snr. D. Miguel [1 I] a ver se Portugal se endireita de vez.

O general ouvi<u>/ra\ apenas a to<d>/a\da confuza das fortes rasoens por que o <honrado> inoffensivo reitor de St<sup>o</sup> [1 Santo] Aleixo queria [1 o sr.] D. Miguel. Era febril <a>/o\ desassocego de Ant<sup>o</sup> de Queiroz; como que o affligia o sobresalto da esperança; <\*manti> sentia na sua anci<ad>/a\ a alegria disparatada [1 desconnexa] de um sonho <ama> <de> feliz, mas com o inverosimil e desatado das felid<sup>es</sup> sonhadas. Abraçou o padre, <[↑e com a turvação lhe]> e convidou-o a passar [↑<1 ,> um dia<1 ,>] o Tamega para ir a sua caza.

– Mas eu não sei com quem tenho a honra de [75] fallar... – disse o vigario.

– Eu <lhe enviarei o meu nome e a minha residencia.> sou Ant<sup>o</sup> de Queiroz e Menezes, <morg> da casa de Cimo-de-Villa.

– Sancto Deus! – exclamou o reitor – com quem eu tenho fallado!... V. Ex.<sup>a</sup> [1

---

<sup>22</sup> Camilo utilizou o verso do fl. 22 para fazer contas matemáticas, relativas à idade de Maria Moisés, discutida neste passo. As contas realizadas foram as seguintes: 1852-1813=39; 1813+22=---5; 1813+56= 1869.

ex.<sup>a</sup>] não estava na America?

– Estive: ha oito dias que <estou em mi> cheguei.

– Eu conheci-o [↑em rapaz], snr. Queiroz! Olhe que somos ambos da m<sup>ma</sup> criação, e ainda fomos condiscipulos [↑alguns meses de 1809] em latim na aula do padre mestre Zimão no Valle de Aguiar, q<sup>do</sup> V. Ex.<sup>a</sup> [1 v. ex.<sup>a</sup>] estudava para cruzio, antes de sentar praça. Veja se se lembra do Bento Fernandes<, > [1 ,] da Povia.

– Bento Fernandes... – repetiu o general.

– Que V. Ex.<sup>a</sup> [1 v. ex.<sup>a</sup>] e outros patuscos chamavam *Beato Bento*, [1 *Beatus Benedictus*,] *ora pro nobis*.

E o bom velho casquinava a rir; mas, de subito, reveste o semblante de uma <austera> gravidade misteriosa, e <disse>[↑diz] como em segredo:

– Agora é ã eu compreendo as suas lagrimas de ha pouco, em frente do quarto onde viveu e foi amortalhada Josefa. V. Ex.<sup>a</sup> [1 ex.<sup>a</sup>] procura sua filha? <§ – Sabe po> Suspeita que Maria Moysés seja a sua filha? É, tenha a certeza ã é.

– A certeza? a certeza? Veja o que me diz, <reitor> snr vigario! – exclamou o general apertando-lhe as duas mãos nas suas com <vehemencia> arrebatada alegria.

– <Attender> Folgo de o ver assim excitado por um sentimento <de virtuoso fervo> que me demonstra que tem sido infeliz e nunca esqueceu a desgraçada Josefa. Deus me perdoará[1 ,] se eu nesta hora transgredir o sigillo da confissão; mas, n’este cazo, <considero-me r> <a m<sup>a</sup> obrigação> seria absurdo [1 absurda] <o>/a\ <resp> observancia de um preceito ã <implica> envolveria um segredo prejudicial á sua felicid<sup>e</sup> e á de [76] sua filha. <Recorda-se> O snr Queiroz denunciou ao vigario de St<sup>a</sup> [1 Santa] Marinha a gravidez de Josefa, quando lhe pediu que o cazasse clandestinamente...

– É verdade.

– O vigario denunciou a seu pai o bom intento de V. Ex.<sup>ca</sup> [1 v. ex.<sup>a</sup>]. D’ahi resultou a sua ida para a capital[1 ,] e depois a prizão. O vigario, pensando que me dava o exemplo de um bom feito, contou-me o ã fizera. Fiquei eu sabendo um segredo ã nunca revelei, posto ã, falecida Josefa, se divulgou por bocca do cirurgião e de uma cazeira da caza da Temporan. Para mim era ainda duvidoso se Josefa ja era mãe quando acaso se afogou ou determinadamt<sup>e</sup> se matou; mas, em 1817, fui eu mandado parochiar na freguezia de St<sup>a</sup> [1 Santa] Maria de Covas de Barroso, onde vivia com seus irmãos a mãe de Josefa. Esta mulher tinha intermittencias de loucura; mas[1 ,] nos periodos de lucidez passava mais amargurada por ã chorava sempre pela filha. Em 1818 fui chamado para ouvil-a de confissão, nas vinte e quatro horas ã precederam a [↑sua] morte. Estava a moribunda então no perfeito uso das suas faculdades; e, coberta de lagrimas, me disse que sua filha, na tarde do dia em que morrêra, dera á luz uma creança. Perguntei-lhe se era menino ou menina, lembrando-me do apparecim<sup>o</sup> de Maria Moyses. Respondeu-me ã não sabia, mas ã tinha a certeza que <era> ella, quando fugiu de caza, levava uma criança, por que, indo ao quarto <d’ella>[↑da f<sup>a</sup>] depois que a vira morta, <vira signaes claros> achára no sobrado umas coisas [1 uns embrulhos] que estavam dentro de um berço de vime, e, procurando o berço, não o <encontrara>[↑achára]. Perguntei-lhe se <V> não ouvira dizer que n’essa m<sup>ma</sup> noute [1 noite] fôra encontrada uma criança [1 menina] no rio dentro de um berço de vime, respondeu que, <assim ã>[↑apenas] deu [1 dera] [77] pela falta do berço, cahira como morta, e q<sup>d</sup> voltára a si, fugira para caza dos irmãos, onde não sabia como viveu mt<sup>os</sup> mezes, e <tinha> passára temporadas de ã não lhe restava a menor lembrança. Para mim – concluiu o vigario – está provado que Maria Moyses é filha de Josefa.

O general estreitou ao peito o padre Bento, beijou-lhe as cans, e <†> exclamou com a alegria de uma criança:

– Havemos de ter uma velhice mt<sup>o</sup> infeliz [1 feliz]... Eu heide viver mt<sup>os</sup> annos, e o padre Bento, o meu condiscipulo, vai ser o meu capellão, e o <coadjutor>[↑director] <[↑ e coadjutor]> da caridade de m<sup>a</sup> filha!

\*

Ao outro dia, Antonio de Queiroz e Menezes, acompanhado do desembargador Fernando Gonçalves Penha e d'um tabellião do julgado, passaram o Tamega, em frente da quinta de Sancta Eulalia. Tiraram pela <campainha>[↑sinêta] do portão com força.

Fran<sup>co</sup> Bragadas, que estava na eira[1 ,] de barriga ao sol[1 ,] recozendo os seus oitenta annos, quando ouviu tilintar a sineta, disse a um neto:

– Vai ver quem é. Teremos mais algum engeitado? Estou a ver quando começa o desafôro de os trazerem mesmo de dia!

Aberta a porta, entraram os teus [1 tres] sujeitos. Francisco, [↑p<sup>a</sup> os ver subindo a alea [1 quando subiam por entre a alea] de faias e olmos], poz a mão na testa contra o sol, e disse entre si: «Querem ver que temos pinhora [1 pinhora] na quinta?» E, levantando-se encostado a um forte galho [1 tanchão] de sôbro, perguntou:

– Querem alguma cousa?

– É <o snr general Queiroz>[↑este cavalheiro] que quer comprar esta q<sup>ta</sup> – disse o tabellião.

[78] – Vai dizer isso à senhora, rapaz – mandou Bragadas com grande tristeza, e acrescentou:

– a quinta não se dá menos de <quinze>[↑dez] mil cruzados.

– Quinze [1 Dez] mil cruzados! – disse o tabellião espantado – Nas hypothecas está avaliada em seis.

– Não quero saber d'isso, [1 ;] as hymphothecas [1 hypothecas] é isto, [1 ;] são dez mil cruzados, livres p<sup>a</sup> a vendedora – resmuneou o ancião.

– Vm<sup>cc</sup> [1 Vossemecê] é o snr. Francisco Bragadas? – perguntou o general.

– Para o servir. Não conheço a sua pessoa.

– É o snr. general Queiroz, da casa de Cimo-de-Villa.

– Ah! bem me lembro d'elle quando era moço, ali como aquelle meu neto.

Quantas vezes nós conversamos no rio! Eu andava com as redes, e elle pescava á cana na Insua. Está muito acabado, e mais V. Senhoria [1 V. S.<sup>a</sup>] não é velho. Velho sou eu que ja tenho dous [1 dois] carros e mais um.<sup>(1)</sup>

<sup>(1)</sup> [1 N'estas provincias do norte contam-se por carros de quarenta medidas as idades que excedem dois carros, ou oitenta annos.]

Neste comenos, chegou o <neto>[↑rapaz] que levára o recado, dizendo que a senhora mandava subir para a sala.

Queiroz, subindo as escadas, amparava-se no braço de Gonçalves Penha, e disialhe ao ouvido:

– Nunca me <conheci>[↑senti] neste abatimento nos combates do Recife e do <Porto das Pedras> Lima. As batalhas do coração são as peores. Esta impressão p<sup>a</sup> mim vem tarde.

– Então, coragem! – alentou o desembargador.

Pouco depois que entraram á sala, appareceu Maria Moyses. Ergueram-se todos; mas o general apenas fez um gesto. Não podéra, e sentara-se, balbuciando <que o desculpasse por estar incommodado>[↑palavras que não se perceberam.]

[79] Maria era alta, refeita, loura e bella como <sua mãe> Josefa de St<sup>o</sup> Aleixo; mas de uma belleza mais senhoril, menos rica do colorido da saude e das insolações tepidas[1, e] do ar puro das <leiras>[↑serras]. Tinham passado por ella alguns annos de convento, e uma vida <inteira> longa de domesticid<sup>e</sup>, <da belesa ↑> que desmaia a epiderme compensando <em>[↑- a nas] graças <doentias>[↑morbida [1 morbidas]] d<e>/a\ <pallidez as mulheres.>[↑ belleza aristocrata [1 aristocratica]]

Mas, como quer que fosse, <aquella mulher> era <a>/o\ <↑> retrato de sua mãe, favorecido pela palheta de artista <a quem desagradassem>[↑caprichoso ã desadorasse] as fortes [↑e vivas] cores das formosuras d<a>/o\ <aldeia> campo; era Josefa de St<sup>o</sup> [1 Santo] Aleixo, depois de respirar em dez invernos o ar do theatro de S. Carlos, e <ter> em dez estios o ar do Passeio publico [1 ar latrinario dos Passeios] de Lisboa.

E ahi está a rasão por que o general, colhido de sobresalto qd<sup>o</sup> esperava [↑ a f<sup>a</sup>] <sem presumir a figura da filha> sem presumpção antecipada da sua figura, <viu>[↑entreviu] a mãe. O desembargador, para encher o vacuo de [1 do] silencio que se fez, disse que o seu amigo, o snr. General [1 general] Queiroz de Menezes, desejava comprar a quinta de Sancta Eulalia.

– São dez mil cruzados – repetiu Fran<sup>co</sup> Bragadas que ja estava encostado á hobreira da porta.

– Visto ã aqui está a dona, S. Ex<sup>a</sup> [1 esta senhora] dispensa procurador – observou o tabellião.

– O meu cazeiro diz a verdade – confirmou Maria Moyses com tristeza e irresolução – eu não dou a quinta por menos de dez mil cruzados.

O tabellião ia replicar com a coarctada das hypothecas, quando o general, fazendo-lhe um gesto de silencio, perguntou a D. Maria:

– Aceitando eu a quinta pela quantia ã se pede, poderei hoje fechar este contracto? Ja trouxe comigo o snr. tabellião para se lavrar a escriptura.

– Preciso ver os titulos – disse o funcionario.

– Vou buscal-os... Então – perguntou ella ao general com hesitação e visivel magua – V. Ex.<sup>a</sup> [1 v. ex.<sup>a</sup>] quer occupar a quinta [80] immediatamente?

– Não é forçoso isso. Quero compral-a simplesmente... Depois...

– É por que eu tenho uma numerosa fam<sup>a</sup> de creanças que por aqui se crearam e estão educando.

– Desejo vê-las – disse o general com os olhos cheios de lagrimas.

– Pois não, snr. general! – accudiu Maria alegremente. – Ó tio Bragadas [1 Bragadas], <mande>[↑diga] á sua Joaquina que mande ca os pequenos.

– A canalha toda? – perguntou o velho.

– Toda – respondeu o general.

– Oh! que ingrantez elles ahi vão fazer! – tornou o Bragadas, indo [↑cumprir as ordens] de má vontade.

– Parece-me que está com saudades da sua quinta, senhora D. Maria – disse Ant<sup>o</sup> de Queiroz.

– Pode-se dizer que nasci aqui, ou pelo menos aqui vi a luz e o amor de uma madrinha que me creou e me deixou esta propriedade por esmola, por que eu <sou>[↑nada tinha... fui [1 Fui]] engeitada, <como estas creanças que ahi vem> e tenho querido dar aos infelizes ã não tem mãe nem pai o bem que recebi dos meus bemfeitores. Infelizmente <era> os recursos não me chegaram. Empenhei a qt<sup>a</sup>, e agora sou obrigada a vendêl-a por que os juros são grandes<1 ,> e mais tarde ou mais cedo as confrarias hão de tomar conta d'isto tudo. Vendendo eu a qt<sup>a</sup> por 10:000 cruzados, pago cinco e tanto que dêvo, e poderei com o restante amparar alguns annos [1 mais] estes pobres... [1 pobresinhos.]

Neste instante, entrou um rancho de treze meninos e meninas. Os rapazes vestiam uniformem<sup>e</sup> [1 uniforme] de cotim escuro, e as meninas de <chita risc> riscadinho azul. <Os>/O\ ma<is>/i\ [1 mais] velh<os>/o\ tinha<m> onze annos, e era aleijado, <a>/e\ncostava-se ás moletas, e entrára mt<sup>o</sup> <alegre>[↑contente], saltando na unica perna, com uma alegria de idiota. Comprimen[81]tou os circumstantes [↑com <1 um> desempenho de grande socied<sup>e</sup>], e retirou-se ás recuadas para a frente do grupo.

– Este aleijadinho é o que ensina os outros a ler; tem mt<sup>a</sup> habilidade, <†-se> e ajuda-me mt<sup>o</sup> – disse Maria, e acrescentou: – Eu vou agora buscar os titulos.

– Não <va>[↑é urgente], minha senhora [↑. Os titulos, depois –] disse o general.  
– O snr. tabellião lavra a escriptura, em quanto eu vou dar uma vista de olhos por estas janellas – E encostando <o braço ao>-se ao desembargador, segredou-lhe: – Precizo ar.

– Snr. general – disse M<sup>a</sup> Moyses.

– Minha senhora.

– Se V. Ex.<sup>a</sup> [1 v. ex.<sup>a</sup>] hade ter cazeiro nesta quinta, peço-lhe que conserve aquelle velhinho, que tem mt<sup>os</sup> filhos e netos.

– Sim, m<sup>a</sup> senhora – respondeu elle com a voz tremente das lagrimas.

– Devo a vida a este homem... Foi elle quem...

– Está bom, está bom – atalhou Bragadas, limpando as lagrimas com <o>/a\ <braço> manga da jaqueta.

– Foi elle quem a encontrou no rio – acrescentou o general.

– É verdade.

– N’um berço de vime – ajunctou Ant<sup>o</sup> de Queiroz.

– Que eu ainda conservo – disia [1 disse] ella sorrindo – por ã é a herança de meus pais; pelo menos, <tenho a certeza de>[↑é possível] que m<sup>a</sup> mãe teve[sse] aquell<e>/a\ canastrinha na mão...

– Parece incrível que o naviosinho não fosse ao fundo [1 a pique]! – disse o desembargador.

– É mt<sup>o</sup> bem tecido – explicou ella[1 .] – Eu ja fiz experiencias no Tamega com os meus engeitados, e não foram ao fundo pondo-os eu á flor da agua dentro do meu berço. Se V. Ex.<sup>as</sup> [1 vv. ex.<sup>as</sup>] querem vêl-o?

– Estimava – disse o general.

[82] – Vai buscal-o, Joaquina.

– Chegue-se cá, sor Bragadas – disse o general – você <e seus descendentes ficam na quinta> é meu caseiro, e hade dar-se bem comigo, esteja certo d’isso.

– Olhe, <snr> senhor, o que eu queria era ficar perto da m<sup>a</sup> ama – disse o velho.

– Já não sou sua ama, tio Francisco; mas sou sempre a sua amiguinha – e abraçou o velho [1 ancião], que sacudia a cabeça por ã o importunavam as lagrimas [1 os soluços].

Chegára o berço. O general <examinou-o>[↑parecia examinal-o] atentam<sup>e</sup>; <mas> Maria Moyses sorria-se ao reparo do fidalgo, e dizia:

– Está ja muito velho o meu berço; qd<sup>o</sup> olho p<sup>a</sup> elle é que eu <vej> conheço que ja tenho mt<sup>os</sup> annos.

–Esteve [↑este berço] nas mãos de sua mãe – disse Ant<sup>o</sup> de Queiroz.

– <É verdade> <Penso eu>[↑ Talvez] – observou ella – [↑mas] <Q>/q\quem sabe? <talvez>[↑Pode ser] ã nem ella me visse... Custa a crer que m<sup>a</sup> mãe, com suas proprias mãos, me entregasse á corrente de um rio...

\*

Estava lavrada a escriptura.

O desembargador Gonçalves Penha contou 10:000 [1 dez mil] cruzados em soberanos, sobre a mesa onde o tabellião escrevera <1 na nota>.

– Aqui está a quantia estipulada – disse <o general>[↑Queiroz][1 .] – A renda d’esta quinta continua o snr. Fr<sup>co</sup> Bragadas a pagal-a á mãe carinhosa dos engeitados.

– Á m<sup>a</sup> ama?[1 ?!] – <exclamou> bradou o ancião.

– Á sua ama.

– Mil anjos o acompanhem na vida e na morte, snr. general! – exclamou M<sup>a</sup>.

– Mil anjos são muitos – disse elle.– Um anjo so me basta na vida, e esse quero eu ã me assista na morte. – E to[83]mando as mãos de Maria, proseguiu: – Se eu morrer debaixo da luz dos teus olhos, Deus me chamará a si, não pelos meus merecimt<sup>os</sup>, mas pelas virtudes de m<sup>a</sup> filha. Pedirás então a Deus por teu pai, Maria?

– Eu! Jesus! Eu! sua filha! – clamou ella, pondo as mãos convulsas, quando elle a beijava na fronte.

Maria cahiu de joelhos, [↑pendente dos braços do pai;] e os velhos, e as creanças ajoelharam tambem[1 ,] trementes e <arreatados>[↑extaticos] sob a faisca electrica d’aquelle <augusto>[↑sublime] lance.

\*

<Ó leitor>[↑Tomaz Ribeiro], com o <s>/t\eu coração, se te<m>/ns\ n’elle uma lagrima, imagin<e>/a\ este quadro<1 ,> e descrev<a>/e\o, se pode<r>/s\, que eu não posso, nem quero, por ã a ultima moda<sup>23</sup> [1 o ultimo feittio] das novellas é não pintar[1 ,] com o colorido gothico dos romanticos[1 ,] os quadros commoventes que rutilam na alma a faisca do enthusiasmo. Agora somt<sup>e</sup> se pintam as gangrenas com as cores roixas [1 roxas] das chagas, e com as cores verdes das podridões modernas. Nos litteratos o que predomina é o verde, e nas litteraturas é o pôdre.

FIM

---

<sup>23</sup> *Palavra circundada a lápis.*